

Hélio Amorim

Descomplicando a fé

PAULUS Editora

Este livro pretende ajudar a compreender a essência da fé dos cristãos, que ao longo dos séculos se foi complicando por uma profusão de leis canônicas, regras, orientações pastorais, condenações, normas, questões dogmáticas, preceitos, proibições e eruditas interpretações desencontradas de textos bíblicos. O resultado é a atual dificuldade que sentem muitos cristãos, especialmente os pais, para transmitir aos outros, e aos próprios filhos, a essência da sua fé.

Pedidos

Paulus Editora
Caixa Postal 2534
01060-970 São Paulo SP
Tel. (011) 810-7002

Livraria MFC
Rua Espírito Santo, 1059 / 1109
30160-922 Belo Horizonte MG
Tel. (031) 273-8842

À venda nas Livrarias Paulus

Peça também à Livraria do MFC os livros indispensáveis para a preparação ao casamento:

O ASSUNTO É CASAMENTO
Para os agentes de pastoral
8^a edição

AMOR E CASAMENTO
Para os que vão se casar
16^a edição

fato
e razão

Pesquisa:
"Para conhecer melhor as famílias brasileiras"

MFC - Movimento Familiar Cristão

Recado ao leitor

Neste número da sua coleção **fato e razão**, caro leitor, você vai encontrar matérias variadas para estudo, reflexão e discussões em reuniões. Para isso, oferecemos algumas perguntas no final de artigos mais provocativos.

Você vai ler notas interessantes, coisas sérias mas também contos e coisas para sorrir, frases sábias ou pitorescas e informações que os jornais não gostam de publicar.

Esperamos que nos escreva com suas impressões, sugestões sobre assuntos a abordar, seções novas que considere interessantes criar, em suma: que nos diga o que pensa e o que quer da sua revista.

Tentamos atender a todos, o que nem sempre é fácil...

Também lhe pedimos apoio na divulgação e venda de assinaturas, para que estas mensagens da sua revista cheguem a muitas pessoas e famílias que ainda não a conhecem.

Não cansamos de repetir: oferecer **fato e razão** é também conscientizar e evangelizar, missão de todo cristão.

Queremos agradecer a todos os articulistas que enriquecem este número com sua sabedoria e talento.

Estamos certos de que os frutos da leitura que nos oferecem serão sempre abundantes, porque somam pontos para o crescimento de seus leitores na fé e no compromisso com a justiça e a fraternidade.

Boa leitura, amigo leitor!

S. & H. A.

36

fato e razão

Edição MFC
Movimento Familiar Cristão

Conselho Diretor Nacional

Luiz Carlos e Rita Martins
José Maurício e Marly Guedes
Antonio e Sebastiana Leão
José Geraldo e M. do Carmo Silva
Valverde e Rosa de Barros
José Newton e Ariadna Ribeiro
Simeão e Hilda Santana
Aldemiro e Alaídes Cláudio
Maria Inês Conti Victor
Antonio e Eliane Goulart
Maria Carolina Ragone Martins
Jesuliana Nascimento Ulysses
Helen Nascimento Ulysses

Equipe de Redação

Beatriz Reis
Helio e Selma Amorim

Consultoria

IBRAF
Instituto Brasileiro da Família

Capa

"Sol" - escultura de Maurício Bentes

Distribuição e Correspondência

Livraria do MFC
Rua Espírito Santo, 1059 / 1109
Tel. (031) 273-8842
30160-922 Belo Horizonte - MG

Sumário

- A ibopização das eleições, 2
Editorial
Nas discotecas e bailes da vida, 4
Marcelo Barros
A liberdade evangélica, 7
Luís Perez Aguirre
Zeca Valente, 10
Mário Canellas
O protagonismo dos leigos, 14
Helio e Selma Amorim
Para melhor conhecer as famílias brasileiras, 18
Helio Amorim
Uma proposta de união para todos, 23
Marcelo Barros
Educar: amar e ser amado, 26
Nedo Pozzi
Chega! 30
Herbert de Souza (Betinho)
Estresse e espontaneidade, 32
Darlene Ponciano Bonfim
O Brasil que queremos são outros quinhentos, 36
Marcelo Barros
Sexualidade humana sem terrorismo moralista, 38
Pe. Mário de Oliveira
Comunicação: diálogo entre emissor e receptor, 43
Frei Betto
Não fique assim tão sério, 48
Um Yom Kippur para o universo, 50
Marcelo Barros
Jesus não forcou ninguém, 53
Padre Zezinho
Dívida externa e solidariedade, 54
Carlos Garcia Andrade
Córtex cerebral amor e equilíbrio, 60
Iván Isquierdo
O conteúdo do conteúdo, 64
Marco Gomes
Convite para descobrir a luz da madrugada, 66
Marcelo Barros
Acolher e preparar as famílias, 68
Cleuza Cyrino Penha
Romero de Deus e do Povo, 70
Costanzo Donegana
A guerra das drogas, 76
Abolida a escravidão libertemos a cultura, 78
Marcelo Barros

As pesquisas eleitorais prevêem os resultados ou os resultados das eleições é que reproduzem o que os pesquisadores anunciam?

A ibopização das eleições ou a arte de induzir

Editorial

Ninguém duvida do poder de indução das pesquisas pré-eleitorais. Aquelas curvas coloridas que vão mostrando na telinha a evolução dos percentuais de cada candidato, semana após semana, vão ganhando uma veracidade absoluta com evidentes efeitos sobre as mentes da maioria dos eleitores. Não todos, naturalmente, mas a maioria, sem dúvida. Elas mudam, de fato, intenções de voto, tendências e até decisões aparentemente definitivas.

Em primeiro lugar porque ninguém gosta de apostar em perdedores ou votar em derrotados. Se as pesquisas indicam a quase certa derrota do candidato, o eleitor começa a buscar alguma qualidade nos demais, para votar em quem tem mais chance de lhe dar a alegria de torcer por um ganhador. Na mesma linha, é induzido o voto útil. "Vamos votar no menos ruim porque o melhor não tem chance!" – é a tentação frequente,

que tem a sua lógica, desde que as pesquisas sejam verdadeiras.

Outro efeito desastroso é o desalento, a perda da garra de batalhar pelo candidato, nas canseiras das campanhas, já que "a curva é descendente e não adianta remar contra a maré". Nem todos, mas muitos jogam a toalha antes do tempo, por desânimo de brigar contra os gráficos.

Os próprios candidatos se deixam influenciar pelas pesquisas. Redirecionam suas baterias contra os que parecem mais ameaçadores em cada momento, o que também tem sentido, desde que as pesquisas sejam confiáveis. As estratégias devem se ajustar a cada situação ou tendência apontada. Mudam o tom e o estilo do discurso, o nível de agressividade - ou de sedução, na antevista de futuras parcerias no segundo tempo, tudo de acordo com o que indicam as fatídicas linhas quebradas, que sobem e descem a cada semana. Tudo isto faz parte do

jogo democrático e da lógica da lícita disputa de poder. Desde que as pesquisas sejam a expressão da verdade.

E se não forem?

Podemos afirmar, por tudo isso, que o processo eleitoral resulta fraudado se influenciado por pesquisas equivocadas. O que se quer é que as pesquisas antecipem o que vai acontecer. Mas quase se poderia deduzir que, ao contrário, os resultados é que tendem a ser o que as pesquisas indicarem. Pura e simples inversão, que nos permite toda sorte de especulações.

Se o poder de induzir é de fato tão forte, e considerando os enormes interesses políticos e econômicos em jogo, seria alguma fantasia suspeitar que as pesquisas são manipuladas? Especialmente se abertas as urnas, as divergências entre os resultados reais e as previsões são significativas, o que se pode pensar? Ou serão apenas erros inocentes, fruto da incompetência dos institutos – que aliás nunca erram nas apurações de audiência dos programas de TV, ou nas pesquisas de

mercado para lançamento comercial de novos produtos?...

Nas eleições de 1998 isto aconteceu, em níveis até então desconhecidos. A perplexidade foi geral. Até os vencedores condenados à derrota pelos gráficos de véspera apareciam nas telinhas com um sorriso encabulado, sem discursos preparados para a vitória, mais surpreendidos que seus eleitores.

Ora, isto é intolerável. Pesquisas verdadeiras, honestas, eticamente conduzidas e realizadas com reconhecida técnica e absoluta competência são úteis para orientar campanhas e eleitores. Porém, ou se faz pesquisa de verdade, com uma única metodologia acordada entre todos, com fiscalização dos partidos tão severa como a que se exerce sobre o ato de votar, com as auditorias oficiais dos tribunais eleitorais, ou se proíbe essa prática não confiável – seja por incompetência ou por outras motivações de que o povo diz suspeitar.

E como se sabe, "vox populi, vox Dei" – sem referência a nenhum dos institutos que estão agora na berlinda...

Você já assinou o projeto de lei de iniciativa popular para a moralização das eleições? De acordo com a lei, o projeto precisa de 1 milhão de assinaturas do povo para ser apresentado formalmente ao Congresso Nacional, onde terá tramitação especial, pressionada pela quantidade de assinaturas. O formulário para a coleta de assinaturas pode ser solicitado diretamente à Comissão de Justiça e Paz da CNBB ou ao MFC. Se apresentado e aprovado, vai dificultar o uso do poder econômico, a manipulação de pesquisas, os currais eleitorais, a compra de votos e muitas outras práticas que machucam a credibilidade da democracia e das eleições brasileiras.

Tragédias que atingem pessoas em alguma celebração religiosa ou romaria logo provocam em muitos uma interpelação a Deus: "por quê justamente estes que são Teus amigos?"



Nas discotecas e bailes da vida

Marcelo Barros
Monge beneditino, escritor

Desde que soubemos da notícia de que, em Osasco, o teto de um templo da Igreja Universal do Reino de Deus havia desabado sobre os fiéis, aqui no Mosteiro, oramos pelos irmãos e irmãs atingidos por essa tragédia e por sua Igreja, abalada pela dor. Senti-me em comunhão com a comunidade sofrida pela perda de seus filhos.

Certamente, o fato choca mais ainda quando se pensa que essas pessoas foram àquele templo para pedir a Deus que as salvassem de tantas desgraças que a vida e as injustiças da sociedade lhes reservam.

Agora acabei de saber que houve outro acidente rodoviário que ceifou a vida de muitos pobres que retornavam de uma peregrinação a Aparecida. Se todo sofrimento humano parece contradizer a imagem de um

Deus bondoso que não deixa acontecer nada de mal com seus filhos, imagine o sofrimento dos inocentes e quando as vítimas estavam justamente procurando a intimidade de Deus.

A Bíblia diz que, diante da desgraça do patriarca Jó que nada fez para sofrer tanto, as pessoas que menos ajudaram a Jó e mais ofenderam a Deus foram amigos que davam explicações sobre o sofrimento. Diziam que certamente Jó pagava o que devia, já que Deus é justo e não deixa o inocente sofrer.

Quando a dor é muito grande, o melhor é se calar. A única consolação é a do amor solidário e atento às necessidades do outro. Mas, às vezes, uma pessoa chocada com o que aconteceu e devendo dizer alguma coisa, fala a primeira idéia que lhe vem

à mente, ou diz coisas sem nexo, simplesmente sob o efeito do choque.

Por isso, comprehendi que o Reverendo Edir Macedo, bispo-presidente da Igreja Universal do Reino de Deus tenha declarado: "Se esses irmãos que foram vitimados, estivessem numa discoteca, a gente compreenderia que isso tivesse acontecido. Mas, numa Igreja, não".

Confesso que eu esperava que essa tragédia, ao menos, tivesse o saldo de evitar que ninguém que se diga "amigo de Deus" continue culpando a Deus por tudo o que acontece. Isso dá ao mundo e à juventude a imagem de um Deus individualista, vingativo e cruel, tão desagradável que obriga as pessoas a viverem à sua lei e seus preceitos. Se elas não forem religiosas, este Deus impiedoso as destrói com o máximo de sadismo.

Hoje, esse tipo de maledicência contra Deus é espalhada por pessoas e grupos de diversas Igrejas e religiões. Mesmo na Igreja Católica, uma vez, um cardeal declarou à imprensa que o flagelo da AIDS era castigo de Deus contra os que não seguem seus mandamentos.

Esse tipo de arrogância e pretensão de falar em nome de Deus como se alguém fosse proprietário da sua vontade tem provocado movimentos fundamentalistas e o terrorismo que mata inocentes. Meditando no que aconteceu aos pobres crentes da Igreja Universal do Reino de Deus, pensei: "Quem sabe, se agora, diante da dor em sua própria casa, mesmo pastores que atribuíam

Quando penso na tristeza de alguns cultos cristãos comprehendo que as pessoas busquem o amor de Deus nas alegrias e brincadeiras da vida

a Deus quaisquer desgraças alheias, possam escutar o Evangelho e testemunhem ao mundo que o Deus de Jesus Cristo é um Pai de misericórdia "que faz nascer o sol sobre os bons e sobre os maus e vir a chuva sobre os justos e os injustos" (Mt 5, 45). "Ele ama aos bons como ama aos maus" (Lc 6, 35).

A Bíblia mostra que a obediência à lei é em si mesma um bem e já contém o seu próprio prêmio. O que Jesus repreva aos fariseus é que eles pregam um Deus parecido com eles e com sua religião baseada num senso de justiça muito estreita. Ao contrário, Jesus proclama que Deus salva gratuitamente.

Infelizmente, o pastor inocentou as vítimas da sua Igreja, mas disse que os outros, cujo teto cai sobre a cabeça, são mesmo vítimas da vingança de Deus. Talvez o choque o tenha perturbado.

Depois que ele disse aquilo, deve ter-se lembrado que, quando Jesus passou por este mundo fazendo o bem, tinha mania de freqüentar ambientes desaconselhados às pessoas mais santas. Naquela época, ainda não

havia discoteca. Entretanto, o Senhor não dispensava uma casa de publicano e era visto comendo e, pior ainda, bebendo com pecadores e gente de "má vida".

Em todo o Evangelho, não há um único milagre punitivo. Jesus nunca fez gestos de acabar com a vida e sim de restituir a saúde e curar os doentes e perdoar os pecadores, independentemente da qualidade moral da "vítima". "Deus é amor e quem vive o amor, vive com Deus e Deus com ele". (1 Jo 4, 16).

Muitas vezes, na vida, o amor se revela pouco a pouco, através de imagens e formas que evoluem. Pelo fato de assumir uma expressão menos madura ou ainda não purificada dos instintos ou mesmo do egoísmo, não quer dizer que não seja o amor através do qual Deus se revela e atua. Deus está naquele amor, mesmo de discoteca, e nos chama a cada vez mais aprofundá-lo até torná-lo divino.

Quando penso na tristeza de alguns cultos cristãos, comprehendo que as pessoas busquem o amor de Deus na alegria e brincadeiras da vida. Enquanto o Evangelho insiste na infância espiritual e na alegria das bem-aventuranças, muitas vezes, as

Igrejas se fixam em métodos de espiritualidade que tornam as pessoas sérias demais, artificialmente adultas.

Há muitos séculos, um teólogo dizia que "cada um de nós tem uma dimensão mística. Esse ser místico é a criança que existe dentro de cada um" (Mestre Eckhart). Também uma santa monja insistia: "Deus leva a alma a um local secreto, brinca com ela e afirma: "Eu sou teu companheiro de brinquedos. (...) Conduzirei a criança que existe em ti nas formas mais maravilhosas, pois te escolhi".

A gente chora com a dor da Igreja que sofreu esta tragédia, solidariza-se com o pastor, mas convida todos a vivermos a fé com mais gratuidade e abertura de coração.

Então, mesmo diante das tragédias da vida, cantaremos com Milton Nascimento:

*"Dentro de mim mora
uma criança, um moleque.
Quando em mim,
o adulto fraqueja, a criança vem
e me dá a mão".*

Marcelo Barros é monge beneditino em Goiás e escritor. Tem 20 livros publicados, dos quais o último é o romance "A Secreta Magia do Caminho" (Record- Nova Era)

© Como batem em nós essas tragédias que se abatem sobre filhos diletos de Deus justamente em momentos em que estão expressando a sua fé em atos religiosos?



"Nós perguntamos: onde estás, Deus? E Deus nos responde perguntando: Onde está teu irmão, tua irmã? (D. Pedro Casaldáliga).

"Escutem-me todos e entendam: Nada do que entra de fora pode fazer impuro o homem. O que sai do coração do homem é o que o faz impuro." Mc 7,15.

A liberdade evangélica

Luís Perez Aguirre
Teólogo, jesuíta, uruguaio

As oposições que Jesus assinala

Numa leitura superficial, pareceria a nós, cristãos do século XX, que essa passagem do Evangelho, de Marcos, não nos diz nada.

Que vigência atual pode ter uma discussão sobre "alimentos puros e impuros"? Pareceria que se trata de um problema circunscrito aos usos e tradições rituais do povo hebreu.

Mas uma leitura mais atenta nos revela que o pensamento de Jesus vai muito além e coloca uma questão de alcance universal.

Quase todos tendemos a classificar os atos como bons ou maus, lícitos ou proibidos, "puros ou impuros", de acordo com uma espécie de "catálogo" moral já prefixado; e atribuímos essa classificação à vontade de Deus. Pensamos que Deus manda fazer isto e proíbe fazer aquilo. O texto evangélico nos coloca esta interrogação: há coisas puras ou impuras em si mesmas? Quais as oposições que Jesus aponta?

Antes de tudo convém advertir que a expressão "o que sai da boca e o que sai do coração" é uma imagem que Jesus usava.

Para entendê-la, observemos as contraposições que nos oferece o texto de Marcos:

- *tradição dos homens por um lado e o mandamento de Deus pelo outro*
- *o exterior e o interior*
- *culto externo e atitude do coração (interna)*

Quer dizer, o texto contrapõe as normas que vêm preestabelecidas, predefinidas, impostas de fora, com o que sai do coração, da intenção do homem, do seu projeto.

A mentalidade tradicional dos escribas e fariseus divinizava o preestabelecido, quer dizer, a tradição,

O rito pode ser uma forma de fuga às responsabilidades do amor e da justiça.

com seus inumeráveis decretos sobre as coisas puras e impuras, e as apresentavam como mandamentos de Deus.

Jesus, ao contrário, indica que as coisas não são boas ou más em si mesmas, senão que dependem do projeto do homem (o que sai do coração).

É a generosidade ou o egoísmo o que dá sinal às coisas e não as coisas que definem de antemão o que é bom ou o que é mau..

Jesus indica que o que importa não é o culto, o rito, a tradição, mas o amor, pelo que seremos julgados. E insiste. Porque conhece o homem e sabe que ele geralmente costuma escapar da responsabilidade que o amor exige.

Com freqüência o homem usa para essa fuga nada mais nada menos que o culto. Assinala que muitas vezes render culto a Deus é uma solução de **facilidade** para deixar de lado as exigências duras e difíceis do amor e da justiça. É mais fácil render culto que ser justo, aferrar-se aos mandamentos que amar criativamente numa situação inédita.

Se a relação com Deus que suporta o culto não tem em conta as relações complexas com os homens, Deus sempre reage para corrigir o erro: "Não quero culto mas justiça" (Is 1,10-20; Os 5,1-6; Jer 6,18-21...). A

questão não está em buscar Deus, mas buscá-lo onde Ele disse que estava...

Uma boa notícia

A grande notícia que Marcos anuncia é que o homem não está no mundo para ser **provado, para prestar exame diante de uma lei**. Que não existe para o cristão um "catálogo" das coisas permitidas e das coisas proibidas ("puras ou impuras"). Que Deus pôs em suas mãos todas as coisas para que as usasse criativamente e livremente. Mas para usá-las, o homem tem que ter um projeto de vida, um projeto de amor. Daí que a salvação não depende de cumprir o que manda um "catálogo", mas de **construir**, junto com os demais homens, um mundo baseado no amor.

Parece claro que o Evangelho não é um livro de "receitas morais" porque o que chega de fora (atitudes, coisas, situações, etc.) não é puro ou impuro *a priori*, mas que deve ser confrontado com projeto pessoal, do coração. Paulo nisto é radical: o que se faz exclusivamente por lei é pecado. E assim o é porque, com isso se está escapando da responsabilidade e do dever de construir, em cada situação, o que exige a dinâmica do amor (Gal 3,1; Cor 6,12 e 10,23; Rom 14,14 - "nada seu é impuro").

Deus pôs nas mãos do homem toda a criação e para construí-la, para realizá-la, o homem deve discernir que coisas, que atitudes constróem o amor e quais o destroem..

E essa é a única medida do

morale do imoral. O homem não está, portanto, neste mundo para passar numa prova, e sim para construir a fraternidade querida por um Pai que a todos nos fez irmãos.

@ Temos consciência de que a simples freqüência ao culto, a obediência a preceitos e obrigações religiosas podem ser uma forma de fuga à responsabilidade de ser verdadeiramente cristãos? Não parece uma contradição? O que pensamos sobre isso?

@ Vamos ler e refletir sobre os textos: Is 1,10-20; Is 58,1-10; Os 5,1-6. O que Deus fala pela boca dos profetas tem algo que ver com as nossas práticas de fé?

@ Vamos refletir sobre o que nos ensina Tiago em sua carta: Tg 2,14 ss. Para que serve a fé sem as obras?

@ Outra leitura importante: vamos refletir sobre o que nos diz o Concílio Vaticano II sobre a função da fé. Para que serve a fé? Gaudium et Spes, 11. "A fé ilumina..."



Madre Teresa de Calcutá foi um exemplo de dedicação de toda uma vida aos pobres e excluídos, sem necessidade de muita reflexão ideológica ou teológica: a simples vocação de servir aos que estão desumanizados.

Este artigo foi traduzido de "Misión". O autor se inspirou em comentários de Juan Luís Segundo sobre o Evangelho, em seu livro "Da sociedade à teologia".

Zéca Valente

Histórias de Mário Canellas

José Eleutério Gomes é o nome dele, mas todo mundo o conhece por Zéca Valente. Por que? Porque ele é de fato valente. Destemido. É um camarada que não enjeita parada. Não conhece cara feia!

Os do lugar não bestam com ele. Bestou, apanhou.

Os de fora, porém, volta e meia se estrepam com ele.

Um desses tipos, que andam de déo em déo, apareceu na nossa pacata vila e começou a contar e fazer bravatas. Em poucos dias já havia tido algumas

brigas e, os que as presenciaram, diziam que o homem era fera e que batera bem nos que tiveram a infelicidade de enfrentá-lo.

A notícia foi o bastante para mexer com os brios de Zéca Valente, que se enfureceu quando soube que o tal indivíduo batera

em um rapaz, que para o Zéca era uma criança.

Ao encontrá-lo, foi perguntando: "iscuta aqui ô sujeito, tu bate só em criança ou briga cum homi também?" O outro, atrevido, sem notar a braçaria do Zéca, olhou com pouco caso e perguntou: "Cadê o homi?" A resposta do Zéca foi fulminante: "Tá aqui!" e deu um soco na cara do cara, que rodou, balanceou e, no segundo soco dormiu o profundo sono da anestesia portuguesa.

Quando acordou o forasteiro deu no pé e ninguém o viu até hoje.

De outra feita, o cortador de capim chegou no terreiro da Fazenda Mirim apavorado, dizendo que vira uma cobra enorme, pronta para dar o bote. Era um bicho terrível. O Zéca Valente

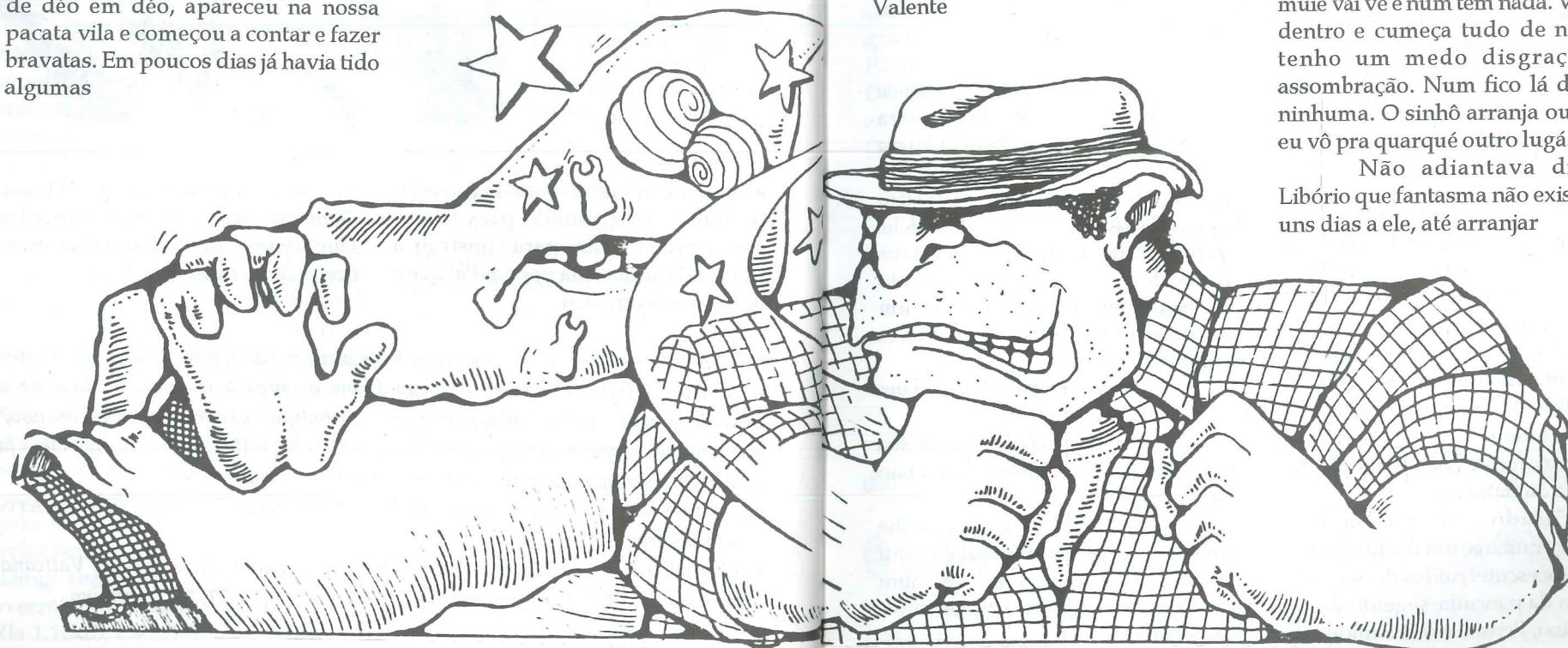
partiu para lá, enquanto o capineiro gritava que não fosse, que o bicho era feio como o demônio.

O Zéca nem ligou. Foi lá e daí a poucos instantes voltava com a cobra na mão. Ele nem cacete levou. Era uma jararaca venenosa, que ele conhecia bem. Como não tinha forma de remetê-la ao laboratório, ele foi espremendo o bicho até matar.

Certa vez o Libório, que mora em um sítio que estava arrendado para nós, veio pedir as contas. Fiquei pesaroso de perder tão bom empregado e não vi um motivo. Insisti com o Libório e ele, muito envergonhado me falou:

"Tá dando assombração lá em casa, seu Mário. Caminhou pra meia noite começa aquela atazanação, a muié vai vê e num tem nada. Vorta pra dentro e cumeça tudo de novo. Eu tenho um medo disgracado de assombração. Num fico lá de forma nenhuma. O sinhô arranja outro, que eu vô pra quarqué outro lugá."

Não adiantava dizer ao Libório que fantasma não existia. Pedi uns dias a ele, até arranjar



substituto. Indivíduo humilde, trabalhador, disse que esperaria até eu resolver a questão.

Sabendo que era bobagem o negócio da assombração, chamei o Zéca Valente e contei-lhe o caso. Imediatamente ele me disse:

- "Deixa comigo, que eu vô agarrá esse fantasma e quebrá os dente dele."

As noites seguintes o Zéca passou no mato, escondido, próximo à casa do Libório. Na terceira noite, ao aproximar-se a hora fatal, ele ouviu barulho no mato, do outro lado da casa. Arrastou-se até lá e, dia seguinte ele me contou:

"Iscretei o baruio, se arrastei divargazinho, e vi o fantasma chegano. Eu nunca tinha porrado fantasma, mas tinha que cê iguali gente. Fiquei na direção qui ele vinha e vi qui ele era iguarzinho a um homi. Pensei cá cumigo: Si tem cabeça, a porrada tem que sê nela. E num fiz otra coisa: dei-lhe um soco no que parecia cabeça, o fantasma subiu e se esborrachô nu chão, gritando e pidino pinico. Vuei im riba dele pra matá, quano garrei na goela dele, vi qui era o Expedito, empregado do vizinho. Im vez de matá, dei-lhe mais uns tapa, pra deixá de sê sacana, chamei o Libório e mostrei aquele fantasma de bosta qui quiria a casa dele e tava fazeno tudo pra assustá o coitado."

É assim o Zéca Valente. Como uma força da natureza!

Casado com uma mulher miudinha, franzina, um dia fui chamá-lo em casa e escutei ruídos de pancada. Era o som da pancada, seguido de um gemido fino. Pensei: esse bandido está

batendo na mulher. Aquele monstro, matava a coitadinha. Tinha que intervir. Bati forte na porta e gritei o nome dela. Pararam as pancadas e os gemidos. Ele apareceu na porta, arquejante, meio descabelado. Agarrei-o pelo braço, levei-o para a estrada próxima da casa, e fui rebentando com ele:

- "Então você, seu covarde, batendo em sua mulher?"

- "Mas seu Mário..."

- "Seu Mário é o diabo que o carregue, seu cretino, então um cavalão desses agride uma pobre mulherzinha como a sua?"

- "Eu quero ispricá..."

- "Não tem explicação para uma coisa dessas. Minha vontade é te entregar à polícia e mandar te quebrar de pau. Você não é valente, é mau caráter."

- "Eu quero expricá..."

E começou a chorar. Aquele baita sujeito, com uma braçadeira descomunal, de queixo aberto. Queria explicar o inexplicável. Como ter explicação para uma covardia daquela? Só quem visse a mulher dele. Um projetinho de mulher. Eu estava enfurecido. E tinha até me esquecido que estava bronqueando com um sujeito que se me desse um tapa eu ia dormir muito tempo.

O choro dele me abrandou um pouco. Dei-lhe a chance:

- "Fala, seu safado. Mas se sua explicação não for muito boa, eu não vou te perdoar..."

- "Seu Mário, o qui eu vô lhe contá, só falo pro sinhô, qui é cumu meu Pai. Mais pelo amor de Deus, num deixa ninguém sabê. Si arguém subé, eu si suicido."

E o choro aumentou.

- "O que você vai dizer é mais feio do que bater numa mulher indefesa?"

Ele se apoiou numa árvore. Pôs a mão no meu ombro e, entre soluços disse:

- "Eu num tava bateno nela."

- "Como não estava, se eu escutei as pancadas e o gemido?"

- "Ela, seu Mário: Ela é qui tava me bateno..."

- "Ela? E o gemido fino?"

- "Era pros otro pensá qui eu é qui tava bateno..."

Abracei o pobre e indefeso Zéca Valente, pensando: e elas ainda têm direitos especiais na Constituição...

Mário Canellas é pecuarista e escritor

"Não tenho tempo"

Há pessoas para as quais o dia parece ter apenas 18 horas. Vivem dizendo que não têm tempo, são "ocupadíssimas". Vivem correndo de um lado para outro, mas parece que não fazem nada de realmente importante. Ainda criticam as que acham tempo para colaborar, participar, para ajudar a comunidade. Dizem mesmo que tais pessoas querem mesmo é "aparecer"! Quando são convidadas, aceitam, prometem ir mas não aparecem. Logo se desculparam: "Não tive tempo".

Paulo VI só dava novos encargos para bispos e cardeais que já tinham muitas atividades. Dizia que só quem já faz muito encontra tempo para fazer mais. Quem nada faz é porque não quer mesmo fazer nada, a não ser criticar.

De que lado estamos?...

(Extraído do boletim do MFC-Ouro Branco, MG).

Anuncie em

fato e razão

... e milhares de famílias vão conhecer
e comprar seus produtos ou serviços.

Solicite informações à Livraria do MFC - Tel. (031) 273-8842
Rua Espírito Santo, 1059/1109 - Belo Horizonte - MG - CEP 30160-922

Antes do Concílio Vaticano II, os leigos eram aquela “multidão dos fiéis”, o resto dos cristãos que aparecia no final da autodefinição piramidal da Igreja.

O protagonismo dos leigos

Helio e Selma Amorim

A tradicional definição que exprimia a concepção de Igreja começava com Jesus Cristo e seu representante na terra, o papa, seguindo-se os bispos, os sacerdotes e religiosos.

Essa poderosa e disciplinada hierarquia se confundia com a Igreja. Se alguém se referisse à Igreja, era a hierarquia que queria significar. Os fiéis constituíam aquele rebanho obediente e dependente, cabendo-lhes nada mais que acolher orientações, normas, mandamentos impostos pela autoridade religiosa, como condição para a salvação.

O poder de perdoar ou não perdoar pecados, de admitir cristãos submissos ou excluir da Igreja cristãos desobedientes, reduzia os leigos a simples coadjuvantes da ação da Igreja, sem voz nem voto. O que lhes cumpria fazer, além de obedecer, era ajudar o clero em funções subalternas. Afinal, eram leigos, ou seja, não tinham conhecimentos e competência para desempenhar

funções importantes na missão da Igreja. Só a hierarquia tinha acesso a uma formação teológica adequada. A própria leitura da Bíblia não era recomendada aos leigos. Deter o conhecimento é uma forma de assegurar o poder. Além disso, a leitura da Bíblia por leigos incompetentes poderia levar a interpretações distintas e divergentes da interpretação oficial da Igreja. Assim sendo, aos fiéis cabia conhecer os textos bíblicos selecionados para as missas, e cuja leitura era obrigatoriamente seguida de uma instrução ortodoxa e impositiva do representante do clero, sem margem para questionamentos.

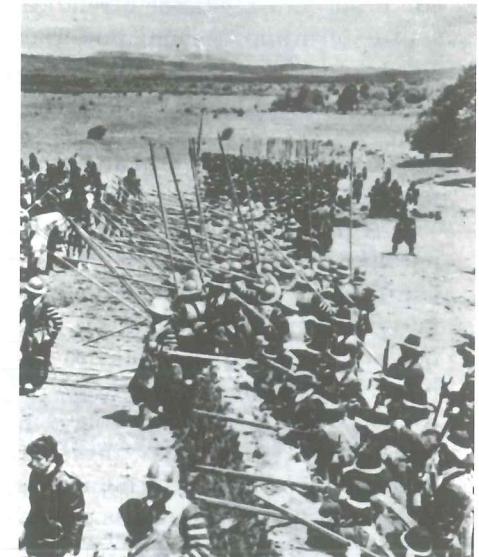
Divergir era excluir-se ou arriscar-se a ser excluído da Igreja. E... “fora da Igreja não há salvação” - afirmava a doutrina oficial. Era a certeza do inferno. Por isso, o melhor era manter-se obediente, limitar-se a uma religiosidade infantil e bem comportada, ir à missa aos domingos, confessar-se ao sacerdote cada vez que

desobedecido algum mandamento ou orientação disciplinar da Igreja, comungar uma vez por ano e dormir tranqüilo. O importante era estar dentro da Igreja, única chance e caminho para a salvação.

Mas aconteceu o Concílio. Uma profunda reviravolta em antigas concepções eclesiológicas que ainda hoje permanece mal assimilada. Na Lumen Gentium, a Igreja se autodefine como Povo de Deus, o conjunto dos cristãos que aderiram ao Projeto de Deus, exercendo funções, ministérios e serviços, cada qual segundo o seu carisma e vocação, todos igualmente importantes, dotados de igual dignidade, com responsabilidades próprias na missão comum de anunciar e fazer presente o Reino de Deus, aqui e agora, “assim na terra como no céu”.

Na Gaudium et Spes (GS 22), depois de um belo discurso sobre a caminhada para a salvação, no encontro feliz e definitivo com Deus, a partir da história humana, afirma-se, pela primeira vez em documento oficial da Igreja, que essa caminhada e aquele final feliz são os mesmos também para os não-cristãos. Ou seja, há salvação fora da Igreja. O que conta é a adesão ao projeto humanizador de Deus. A Igreja deixa de se entender como lugar de salvação para se assumir como missão no mundo.

Antes, todas as facilidades deveriam ser oferecidas para o ingresso na Igreja, para que todos pudessem salvar-se. O proselitismo ativo era essencial. O ingresso forçado foi praticado ao longo dos séculos. Guerras religiosas, cruzadas, inqui-



Guerras religiosas, cruzadas, inquisição... tudo se fazia para trazer mais gente para a Igreja, ou para evitar a propagação de heresias que afastassem os cristãos da fé verdadeira e da salvação.

sições - tudo se fazia para trazer mais gente para a Igreja ou para impedir que heresias desviasssem os cristãos dos verdadeiros ensinamentos que os levariam à salvação. Exércitos inteiros de infiéis derrotados por exércitos de cristãos eram batizados, como condição para aceitar-se a rendição sem extermínio. Assim, poderiam salvar-se da condenação eterna, reservada aos que estavam fora da Igreja.

Essa concepção é abandonada pelo Concílio.

Agora, já não é essencial a pertença à Igreja, não mais entendida como lugar mas como missão no mundo. O que importa é o que Jesus nos apresenta em sua antevisão do Juízo: ..."tive fome, e me destes de comer..." (Mt 25, 34ss). Isto é o que conta para a salvação: as obras de humanização. Trata-se de humanizar, de agir para que as todas as pessoas criadas por Deus passem de condições menos humanas para condições mais humanas, como imagem e semelhança de Deus. E que o mundo, com suas estruturas sociais, políticas e econômicas, seja um cenário propício para essa humanização.

A Igreja abandona a tentação de ser a massa e recupera a imagem do ser fermento e sal: pequena mas capaz de tornar saborosa toda a massa que sem esses ingredientes seria insossa e pesada. Aqui está a catolicidade-universalidade da Igreja: universal é a sua mensagem, válida para toda a humanidade.

Ora, dentre a multidão dos que formam o Povo de Deus, são os leigos os que estão imersos nas estruturas do

mundo, capazes de transformá-las para que o Reino de faça presente aqui e agora, na história humana. Tornam-se os leigos protagonistas do ser Igreja, entendida como missão no mundo. À hierarquia, cabe criar condições para que os leigos se preparem para o diálogo com diferentes ideologias e crenças, com diversas concepções do Homem e do mundo, e saibam levar a todos o anúncio de Reino, denunciando tudo o que a ele se opõe. Para isso servirão as estruturas eclesiais de formação, as escolas e universidades católicas - ou não servirão para nada.

Esse protagonismo dos leigos é reconhecido explicitamente e proclamado pelo episcopado latino-americano reunido em Santo Domingo, em 1992. Mas não se pode dizer que essa visão já tenha sido uniformemente entendida e assumida por toda a Igreja, ou seja, tanto pela hierarquia como pelos leigos, acostumados estes ao infantilismo do passado. Um persistente esforço deve ser desenvolvido para que tenhamos um grande contingente de leigos adultos na fé, capazes de reorientar o mundo para a solidariedade, a justiça e a paz.

Sendo protagonistas da missão de humanizar as estruturas do mundo, conhecedores portanto do que é necessário para levá-la a cabo, os leigos devem também participar das instâncias de governo e das deliberações da Igreja, Povo de Deus. A hierarquia é convocada a colocar-se ao serviço da preparação e animação dos leigos para a missão, abrindo-lhes espaços para atuar como sujeitos, mais

do que simples auxiliares subalternos.

Essa é a função e missão dos leigos. Pode-se dizer que a Igreja, que é missão no mundo, se faz realidade pela ação dos leigos. Essa concepção, ainda nova, supõe mudanças profundas no antigo modelo multisecular das relações entre leigos e hierarquia. O binômio autoridade-obediência

deve dar lugar ao que o Concílio indica: comunhão-participação.

Essas mudanças já são realidade em muitos lugares mas não em toda a Igreja. Desde o Concílio, entretanto, um movimento foi deflagrado e, não obstante episódios de retrocesso, avança de forma irreversível, pois iluminado pelo Espírito de Deus.

*
"A gente deve acabar por tomar a própria vida nos braços e beijá-la. Porque só quando começamos a amar de verdade o que somos, seremos capazes de converter o que somos em uma maravilha".

Martín Descalzo.

Milão Fernandes Caminha...

PAIÊ, QUANDO
EU CRESCER,
EU POSSO TRABALHAR
NA MÍDIA?

EU QUERO
SER UM
GRANDE
CRETINIZADOR



O MFC promoveu uma pesquisa ampla sobre a família para dar base a exigências de uma política social familiar autêntica e uma pastoral familiar mais realista.

Para conhecer melhor as famílias brasileiras

Helio Amorim

A pesquisa nacional realizada pelo Movimento Familiar Cristão revela dados interessantes, alguns surpreendentes.

Entre as mais de 2000 famílias entrevistadas, 81% moram em casa própria. 8% em casas cedidas. Somente 11% pagam aluguel. Estes dados parecem demonstrar que o sonho da casa própria predomina entre as famílias. Ainda que forçadas, em sua maioria, a morar em condições precárias, as famílias brasileiras buscam ser donas da sua casa. É o que lhes permite ir aos poucos aplicando suas economias para melhorá-la. Não o fariam se não fossem os donos. Por outro lado, os níveis de salários no país não suportam o pagamento de aluguel.

As tarefas domésticas e cuidados com a moradia cabem exclusivamente às mães de família em 46% das respostas; outras 9% afirmam

que o pai "ajuda". Nas demais, essas tarefas cabem a outros membros da família ou empregados. Pai responsável pelas atividades domésticas, menos de 1%. Esses dados confirmam a conhecida "dupla jornada de trabalho" da mulher, já que em 25% das famílias marido e mulher trabalham profissionalmente para o sustento da família. Em outras 18% apenas a mãe garante a renda familiar, o que normalmente corresponde às famílias regidas pela mulher, por incapacidade física ou mental, desemprego prolongado ou ausência definitiva do marido.

Os maiores problemas familiares apontados foram, pela ordem de indicações dos que responderam: alcoolismo, 19%; drogas, 11%; casamento e gravidez precoces, 7%. Embora sejam problemas conhecidos, surpreende a ordem de importância e a extensão do seu alcance.

Também curioso que toda a ampla gama de outros problemas familiares que se costuma apresentar como graves e urgentes não receberam tantas indicações dos entrevistados. O alcoolismo, especialmente, deve passar a merecer uma atenção mais responsável pelos que elaboraram políticas sociais familiares e pelas pastorais das igrejas que se preocupam com a humanização das famílias. Já se pode confirmar que o alcoolismo é hoje uma das mais importantes e aflitivas causas da desagregação familiar e de sofrimentos sem conta para as famílias brasileiras. O mesmo se aplica ao problema das demais drogas, apontado em segundo lugar entre os problemas familiares. Muito se pode fazer para reverter esse quadro, seja através do extraordinário trabalho dos AA (Alcoólicos Anônimos) e NA (Narcóticos Anônimos), seja pelo apoio de institutos familiares e clínicas especializadas populares, se o problema já existe. Mas a prevenção é mais eficaz, e supõe campanhas educativas mais efetivas. No caso do alcoolismo, impõe-se a proibição da propaganda de bebidas e sua venda a menores de idade, bem como elevada taxação de impostos, para compensar os altos custos sociais do consumo de álcool.

O caso da gravidez e casamento precoces tem relação direta com o ambiente permissivo e a atmosfera altamente erotizada comandada pelos meios de comunicação de massa. Assim, a prática sexual começa hoje muito mais cedo, é fortemente estimulada, ganha crescente aceitação social, enquanto



Ter casa própria, ainda que pobre ou em favelas, é o que querem as famílias: apenas 11% pagam aluguel.



Educação é o que as famílias reclamam da sociedade e, portanto, dos governos, como prioridade para 51%



Trabalho para todos é hoje uma das grandes reivindicações das famílias: 27% estão assustadas com o desemprego

faltam programas educativos que orientem essa prática. Adolescentes grávidas e mães solteiras deixaram de causar surpresa. Se acontecem em famílias mais tradicionais, impõe-se muitas vezes o casamento precoce, indicado na pesquisa. Como enfrentar e resolver esses problemas? 90% afirmaram que os problemas se resolvem na base da discussão. Sobre quem causa esses problemas, 49% dos que responderam culpam a sociedade, 39% o governo.

As dificuldades que as famílias enfrentam são financeiras para 50%; falta de segurança para 25%; falta de lazer para 23%; desemprego para 18%. Muitas dessas dificuldades estão intimamente interligadas. O desemprego e os baixos salários que não permitem ao chefe de família alimentar seus filhos empurram muitos para a contravenção e o crime, como o assalto, o seqüestro e o tráfico de drogas, gerando a violência urbana. Uma decidida política salarial e de geração de empregos, na contra-mão do projeto neoliberal, reverteria esse quadro dramático. Talvez a violência crescente venha a ser o fator decisivo para mudanças nesse modelo socioeconômico que a produz.

Sobre a qualidade da relação marido-mulher, o mais significativo é que 48% não responderam... Os demais afirmam, em sua maioria, que o relacionamento é bom ou ótimo, e apenas 3% reconhecem que é ruim. Quase o mesmo ocorreu com a qualidade das relações pais-filhos: 47% não quiseram responder. Para os demais, tudo vai bem. Também sobre

as relações entre irmãos, 54% não responderam. O que é uma forma de responder...

Nesse campo da melhoria da qualidade das relações conjugais e familiares, os institutos, movimentos e pastorais das igrejas, que se ocupam da família, têm um importante papel. Muito se faz atualmente, mas é insuficiente. É urgente enfrentar essa causa de desagregação familiar e sofrimentos. Já se sabe há muito o que fazer. Nada a inventar, senão aperfeiçoar e ampliar.

Quem manda na família? Em 57% das famílias são ambos os pais; em 22% o pai comanda, e em 18% é a mulher. Quem sustenta a família é o pai em 54% das famílias, a mãe em 19% e os dois juntos em 28%. Uma simples soma indica que já são 82% as famílias que necessitam do trabalho remunerado da mulher. A inserção da mulher no mercado de trabalho, e suas consequências positivas e negativas, constitui um dos mais importantes fenômenos sociais deste século.

Embora a quase totalidade dos entrevistados tenha prática religiosa, 55% afirmando mesmo que vão à missa, há muitas divergências de posições em relação às orientações da Igreja sobre questões que afetam as famílias. 39% concordam e 55% discordam da condenação do divórcio e novo casamento; 6% não têm opinião formada. E 24% parecem aceitar a crença da reencarnação, ao discordarem da posição da Igreja sobre a questão.

As orientações da Igreja sobre o planejamento familiar, com a condenação dos métodos conside-

rados não-naturais, são rejeitadas por 64% dos que responderam, mas acatadas por outros 30%.

A condenação do aborto é rejeitada por 27% dos que responderam, mas apoiada por 69%; 4% não têm opinião.

Essas elevadas taxas de rejeição a dois destaques das orientações da Igreja justificam repensá-las, já que apoiadas por freqüentes manifestações de teólogos e estudiosos que contestam os fundamentos teológicos e doutrinários em que se baseiam.

Os problemas do bairro em que vivem as famílias entrevistadas são apontados: falta de segurança, 31%; de saneamento, 40%; falta de áreas de lazer, 15%. Indo além do bairro, 13% reclamam da falta de postos de saúde. Inúmeros outros problemas foram menos indicados. Políticas e programas municipais e estaduais devem considerar as prioridades que a pesquisa indica. O lazer, por exemplo, é mais reclamado que muitos outros problemas que nos gabinetes dos governos e dos políticos pareciam mais graves. A falta de saneamento é a prioridade maior, seguida da segurança, problema recorrente em diferentes momentos da pesquisa.

O que mais precisam as famílias? Respondem: trabalho, 53%; educação, 29%; habitação, 22%; religião, 13%; saúde, 9%. E para a solução dos problemas? - esperança, 44%; diálogo, 29%; oração, 19%.

O mais importante nestes números é distância estatística entre a necessidade de trabalho e as demais necessidades apontadas. Reflete a preocupação com a ameaça de per-



A falta de segurança e a violência são apontadas como dificuldades para a vida familiar e são reclamadas soluções.



O alcoolismo e as drogas surgem como a mais afrontiva causa de desagregação familiar, angústia, violência e sofrimentos.



A pobreza e a miséria absoluta são efeitos do modelo econômico neoliberal e causas da violência e de desvios para o crime.

da do emprego e o desemprego já instalado. Hoje se pode afirmar que a geração de emprego deve ser a prioridade política da nação. Quase se poderia afirmar que, doravante, tudo o que gere empregos será julgado bom, e tudo o que suprimir postos de trabalho será condenável.

Todo o anterior se confirma nos dados seguintes, sobre o que a sociedade, como um todo, reclama: 51% querem educação; 45% insistem na segurança; 27% no trabalho para todos; 14% querem ação política; 11% saúde; outras muitas necessidades são apontadas com menos indicações.

E da Igreja, o que as famílias esperam? 37% pedem melhor relacionamento, mais comunicação e democracia no interior da Igreja; as

demais, em percentuais menores, apenas se referem ao culto, às pastorais, à liturgia, espiritualidade, moral e outros valores e práticas estritamente religiosas; apenas 15% afirmam querer compromisso social da Igreja.

Estes dados agora apurados, oferecem indicações para a revisão de políticas sociais familiares, das práticas pastorais das Igrejas, dos programas dos movimentos familiares e das organizações leigas e religiosas que se ocupam da família.

Este foi o objetivo da pesquisa, que o MFC agora oferece a todos os que se preocupam com a família ou são responsáveis por sua humanização e bem-estar.

@ Quais as reivindicações que os movimentos e organizações familiares devem fazer dos governos e das Igrejas diante dos resultados desta pesquisa?

@ Como fazer essas reivindicações? Temos acesso a parlamentares e membros do governo federal, estado ou município? Temos canais para pressionar? Quais?

@ Sobre o que nos alerta esta pesquisa, sobre comportamentos, atitudes e práticas nossas na nossa vida como famílias e como cidadãos? O que somos desafiados a fazer?



Pesquisa sobre o alcoolismo em adolescentes e jovens assusta e alerta. O Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas (CEBRID) entrevistou 15.503 estudantes do primeiro e segundo graus em dez capitais. Descobriu que o álcool é a droga preferida. O início é precoce. 50% dos alunos entre 10 e 12 anos já consumiram bebidas alcoólicas. 29% beberam pela primeira vez em casa. Quase todos beberam porque seus pais ofereceram a bebida. Iludidos, muitos pais acham que o álcool é um mal menor que outras drogas mais pesadas. Mas a dependência química pode chegar em menos de dez anos. O médico Mário Biscaya afirma que o álcool é o maior problema de saúde pública, juntamente com o cigarro, entre as dependências químicas. "É uma droga legalizada e estimulada por campanhas publicitárias. Vivemos numa sociedade onde o consumo de álcool é muito valorizado e estimulado". Ele diz que se deve investir em campanhas de prevenção do alcoolismo na infância e adolescência. É um alerta para todos os pais.

A credibilidade das religiões hoje passa pelo testemunho de verdadeiro respeito às diferenças culturais dos povos e pelos serviços à causa da paz e da justiça.

Uma proposta de união para todos

Marcelo Barros
Monge beneditino, escritor

No momento atual, diariamente a televisão e os jornais falam dos talibans.

Um ou outro deles se tornou mais conhecido nos Estados Unidos do que a maioria dos atores de cinema. Os talibans são guerrilheiros afegãos e de outras nações que, na década passada, o governo americano armou até os dentes e treinou para matar soviéticos. Agora, por motivos religiosos, eles se voltam contra os próprios patrocinadores do seu terrorismo e se tornam uma ameaça real para os ocidentais e as embaixadas dos Estados Unidos no mundo inteiro. Como alguns generais latino-americanos professavam na década passada a respeito dos comunistas, os talibans chegam a dizer que, mesmo se para matar um americano eles

causam a morte de cem pessoas inocentes, esse ato é religioso e justo.

Infelizmente, o governo americano responde ao terrorismo dos talibans com atos de terrorismo semelhantes que em nada significam o presidente acusado de comportamento moral ilícito. Graças a Deus, no mundo inteiro, muitas pessoas percebem que, para vencer uma doença, é preciso combater a causa.

Se, neste final de século, mais de sessenta guerras e conflitos devastam a terra, as causas fundamentais continuam a ser a ambição humana e o problema do poder. Entretanto, enquanto as guerras do passado tinham uma vestimenta mais ideológica e política, cada vez mais os atuais com

A religião deixa de ser fermento de paz e passa a ser motivo de violência quando é compreendida de modo fanático e fundamentalista.

flitos tomam uma fisionomia religiosa. Mais da metade das atuais guerras são de caráter religioso. Opõem grupos e tradições diferentes, como judeus e islamitas em Israel, cristãos e muçulmanos na Bósnia, católicos e evangélicos na Irlanda. Entretanto, a religião só deixa de ser fermento de paz e passa a ser motivo de violência quando é compreendida de modo fanático e fundamentalista. Esta tendência para interpretar a fé e o dogma ao pé da letra e de modo exclusivista (só "nós" temos a verdade) é uma doença que hoje contagia pessoas de todos os credos. No cristianismo existe o fundamentalismo bíblico ingênuo de certos grupos e igrejas novas, como também se fortalece na Igreja Católica e outras igrejas históricas, mesmo em pessoas da hierarquia, um fundamentalismo teológico, igualmente arrogante e pretensamente mais erudito.

Nesse contexto, compreende-se que tantas pessoas oponham religião à espiritualidade e sintam que, enquanto as organizações religiosas acabam sempre tendendo

a se absolutizarem e se fecharem em si mesmas, é a espiritualidade que fornece a toda pessoa que busca a Deus um caminho de crescimento e unificação interior. Evidentemente, o amor e a busca interior é que permitem o encontro e a compreensão entre as mais diferentes culturas e religiões.

Hoje, se, aos olhos de quem busca uma intimidade com Deus, as religiões quiserem readquirir credibilidade, vão ter de testemunhar um verdadeiro respeito às diferenças culturais e mostrar serviços prestados à causa da paz e da justiça.

Há trinta anos, realizava-se em Medellin a segunda conferência dos bispos católicos para repensar o papel da "Igreja na América Latina em processo de transformação". Para toda a igreja católica, o Concílio Vaticano II foi um novo e verdadeiro Pentecostes no sentido de que provocou uma profunda renovação espiritual. Assim também Medellin foi para o nosso continente, o momento das Igrejas despertarem para uma missão mais profunda e radical de serviço ao povo e inserção no mundo dos pobres.

Hoje, trinta anos depois, relendo as conclusões, propostas e compromissos dos bispos em Medellin, devemos rever se aquele caminho ali iniciado continua sendo aprofundado. Ou será que também desse sonho fomos privatizados e roubados?

Os bispos em Medellin propuseram "uma Igreja pobre e pascal, despojada dos meios de poder



Soldados do Irã preparam-se para enfrentar os talibans que tomaram o poder no Afeganistão, numa guerra absurda entre muçulmanos sunitas e xiitas, ambos fundamentalistas e igualmente fanáticos em suas "guerras santas".

que se torne lugar de comunhão para toda a humanidade" (Med. Doc. sobre Juventude, 13).

Se uma Igreja pascal significa uma comunidade de testemunhas da resurreição e que comunique essa energia divina a todo o povo, podemos dizer que uma Igreja pascal

será uma igreja movida pela espiritualidade e não por mecanismos institucionais e que seja sinal e instrumento da paz e da unidade de toda a humanidade. Que, mesmo em sua vida pessoal e no seu caminho religioso individual, você se sinta atraído a viver esse chamado de Deus.



IBGE e UNICEF apresentam números estarrecedores. 40% das crianças e adolescentes do país são pobres. Pesquisa do IBGE mostra que 2,7 milhões de crianças de 10 a 17 anos trabalham e não podem estudar. E mais 1 milhão nessa mesma idade procura emprego. A maioria dos que trabalham estão em atividades agrícolas. Quase 20 milhões de crianças de 0 a 14 anos vivem em famílias consideradas pobres, cuja renda mensal é de menos de meio salário mínimo por pessoa da família. Os dados agora publicados pelo IBGE e UNICEF são de 1995. O que o documento considera mais grave é o trabalho infantil. Mas ainda há mais 500 mil crianças de 10 a 14 anos que não trabalham mas também não estudam nem ajudam em casa, nas tarefas domésticas. As disparidades regionais assustam: o analfabetismo entre adolescentes de 15 a 17 anos é de 20% no Piauí e 23% em Alagoas, contra 1% em São Paulo e 1,4% no Rio Grande do Sul, o que ameaça eternizar os desequilíbrios sociais no país.

A educação é um processo que envolve pais e filhos e abraça toda a vida. O primeiro passo é estabelecer uma confiança recíproca

Educar: amar e ser amado

Nedo Pozzi

"Colocar um filho no mundo é fácil, difícil é criá-lo", diz a sabedoria popular. Criá-lo significa educá-lo; despertar nele o processo de maturação que fará dele a pessoa que ele deve ser, feliz e realizado.

Não existe um método universalmente eficaz para educar os filhos. Aqueles que pretenderam elaborá-lo foram desmentidos pelos resultados de suas próprias pesquisas. "Antes de me casar - escrevia John Rochester, especialista em psicologia da educação -, eu tinha seis teorias sobre o modo de educar as crianças. Hoje tenho seis filhos e nenhuma teoria". Por quê? Porque educar os filhos é um empreendimento criativo, é uma arte. Não se pode ensinar a ninguém como vivê-la, nem como desenvolvê-la... No máximo, pode-se dar sugestões.

Pais e mães, em geral, são bem conscientes das dificuldades ligadas ao dever de educar e, muitas vezes, se sentem despreparados. Os sociólogos identificam nisso uma das causas da queda no índice de natalidade. Isso

porque, quando se fala de amor, pensa-se em namoro, casamento, nascimento dos filhos e educação como etapas isoladas umas das outras. Trata-se, no entanto, de uma única experiência existencial que desabrocha, floresce e frutifica contínua e harmoniosamente num clima de comunhão, quando o casal vive o autêntico amor.

Ezio Aceti, psicólogo e pedagogo italiano, ajuda-nos a aprofundar o tema: "A abertura do casal à fecundidade não é algo que se acrescenta ao amor conjugal, mas uma de suas dimensões, uma finalidade maravilhosa da sexualidade humana vivida integralmente. Em poucas palavras, vivendo com autenticidade e profundidade a própria história de amor, os pais se educam, geram e educam os filhos. Pelo simples fato de existir, a família doa à sociedade pessoas capazes de amar e de serem amadas, por possuírem a consciência da predileção - "sou amado de modo pessoal e exclusivo" - e a consciência da igualdade fraterna - "nós nos amamos".

O processo educativo é um fato coletivo, que abrange a vida inteira. Desde o nascimento até a morte, somos educandos e educadores. Pode-se, porém, distinguir algumas fases importantes da educação nas várias "estações" da vida.

A primeira fase é o desenvolvimento, no filho, do sentimento de confiança. O itinerário educativo deve ajudar a criança a se tornar capaz de amar gratuitamente os outros: esta é a finalidade da educação. O primeiro passo é conquistar a confiança em si mesmo e no mundo que a circunda. Isto acontece de modo natural e espontâneo através da figura dos pais, no período que vai do sétimo ao nono mês de vida. É importante lembrar que as experiências que exprimem o afeto dos pais no relacionamento com o filho superam sempre os limites decorrentes das experiências negativas vividas anteriormente pelos genitores. Para uma corrente da psicologia da educação - felizmente contestada atualmente -, tudo o que alguém sofreu na vida é repassado para os filhos. Mas, a capacidade de educar não consiste em fazer "coisas corretas"; significa, sobretudo, encontrar em si mesmo, no momento presente, as energias para transformar inclusive os próprios limites e sofrimentos em fatores positivos. É o que todos, na prática, procuram fazer. Por esse motivo é possível melhorar; porque cada um coloca um pouco de si mesmo, dá a sua contribuição pessoal, não obstante as falhas da educação precedente. A confiança é substancialmente uma experiência de amor que a criança faz em rela-



Se uma relação de confiança recíproca se estabelece entre pais e filhos, está aberto para o filho o caminho para a conquista da confiança em si mesmo.

Se a família é a célula fundamental da sociedade, então a sociedade tem o dever de defendê-la

ção a seus pais, que são sempre os primeiros a amá-la. Segundo uma linha da pedagogia moderna, é a criança que nos educa. A educação é uma experiência de crescimento também para os pais.

"Cuidado com os primeiros mil dias!" É um dos dogmas de pediatras e psicólogos, que causa uma certa angústia nos casais jovens. Mas será que os relacionamentos e as experiências dos três primeiros anos de vida são realmente tão determinantes para a construção da personalidade? E se errarmos, o que fazer?

"É verdade, confirma Aceti, os três primeiros anos de vida são muito importantes; mas nem por isso se pode fazer terrorismo psicológico. Em todos os meus anos de trabalho neste campo pude constatar que, de alguma forma, podemos solucionar muitas situações difíceis. O importante é não fixar regras absolutas. A educação não tem regras. Ou melhor, tem apenas duas: estar sempre aberto a mudanças, renovando-se no amor; e ser capaz de entrar na realidade do outro, de "viver" o outro. Mesmo quando se erra, sempre existe esperança. Qualquer um pode encontrar, no momento presente, com força de vontade e senso de responsabilidade, todos os recursos necessários para dar

um sentido à própria vida e à vida dos outros".

A segunda etapa vai dos 5 aos 7 anos, quando a criança deve enfrentar a realidade externa. Nesse período existe uma fase intermediária, de transição, povoada pelos clássicos objetos aos quais a criança se afeiçoa: travesseiros, ursinhos, bichinhos de borracha, que ajudam a criança a superar a fase, mais ou menos longa, do desapego do mundo da mamãe e do papai. Nesta fase, segundo uma forte corrente de pedagogos e psicólogos contrária aos berçários e escolinhas maternais, a criança deveria viver com a família até a idade escolar.

As pesquisas mostram que é cada vez maior o número de pais que "abandonam" os filhos, do ponto de vista educacional. Os motivos são vários; mas, em geral, é o fato de que tanto o pai como a mãe também trabalham fora. Também neste caso não podemos ter regras fixas e muito menos nos basear em princípios abstratos: maternal sim, maternal não... São situações objetivas que precisam ser avaliadas. Se pai e mãe são obrigados a trabalhar fora (e, infelizmente o número desses casais está crescendo continuamente), o importante é que, quando estiverem em casa, fiquem realmente com a criança e procurem suprir, com a intensidade de amor, atenção e dedicação, o longo tempo que passam fora de casa.

A esse ponto devo fazer uma observação sócio-política importante: se é verdade que a família é a célula fundamental da sociedade, então a sociedade deve defendê-la. Quando existem situações de risco, a sociedade

deve intervir. Um mínimo de bem-estar social deve existir a fim de garantir o direito da criança à presença de um parente em casa, ao menos até a idade escolar. De qualquer forma, quando a criança precisar enfrentar a realidade escolar, é muito importante que já tenha bem desenvolvida dentro de si a plantinha da confiança. E isso só será possível se, nos primeiros anos, os pais tiverem procurado viver os princípios fundamentais da educação, ou seja, a capacidade de "viver o outro", de comunicar ao filho tudo o que pensam e de amá-lo profundamente, a ponto de deixá-lo livre.

É claro que é preciso prevenir situações de risco quando a criança é pequena, para que cresça nela esta confiança, base de toda a sua experiência futura. Por outro lado, num ambiente onde existe pouco amor e pouco equilíbrio, essa confiança corre o risco de ser abalada. Vamos nos colocar no lugar da criança. Até os seis anos ela vê os pais como "deus na terra", fonte de todo o bem, mas também de todo o mal. Diante dela eles parecem gigantes, até pelo modo como

os vê, no plano físico, de baixo para cima. Se são gigantes bons, tudo bem. Se não são bons, a criança perde a segurança; sentirá angústia e agressividade, desenvolvendo uma série de estratégias para parecer "boazinha". Mas na adolescência isso tudo explodirá.

É um desafio! O amor dos pais deve deixar o filho livre, mas antes deve formá-lo para saber distinguir o bem do mal, aquilo que sabe fazer daquilo que ainda não sabe, o que é perigoso do que não é. Por outro lado não podemos esquecer que os pais são dois e a unidade do casal tem recursos que a psicologia ainda está por descobrir. Além disso, para os que são cristãos existe também a certeza de que Jesus está entre eles quando existe o amor recíproco, "o mestre em casa", segundo uma feliz expressão de Chiara Lubich.

E o pai ou a mãe que estiver sozinho diante da tarefa de educar? Se é o amor que os move, também ele(a) terá a força dos dois, ou melhor, a luz do próprio Jesus.

Publicado em "Cidade Nova".

- © Quais as principais dificuldades que hoje os pais encontram para a educação dos seus filhos?
- © Que experiências de êxitos e fracassos nossos poderíamos relatar, como exemplo?
- © Que ajudas externas os pais esperam para a missão de educar os filhos? Ajudas de quem? Escola, Igreja, governo, meios de comunicação, livros? Como poderia ser essa ajuda?
- © Há algo que só dependa de nós mesmos?



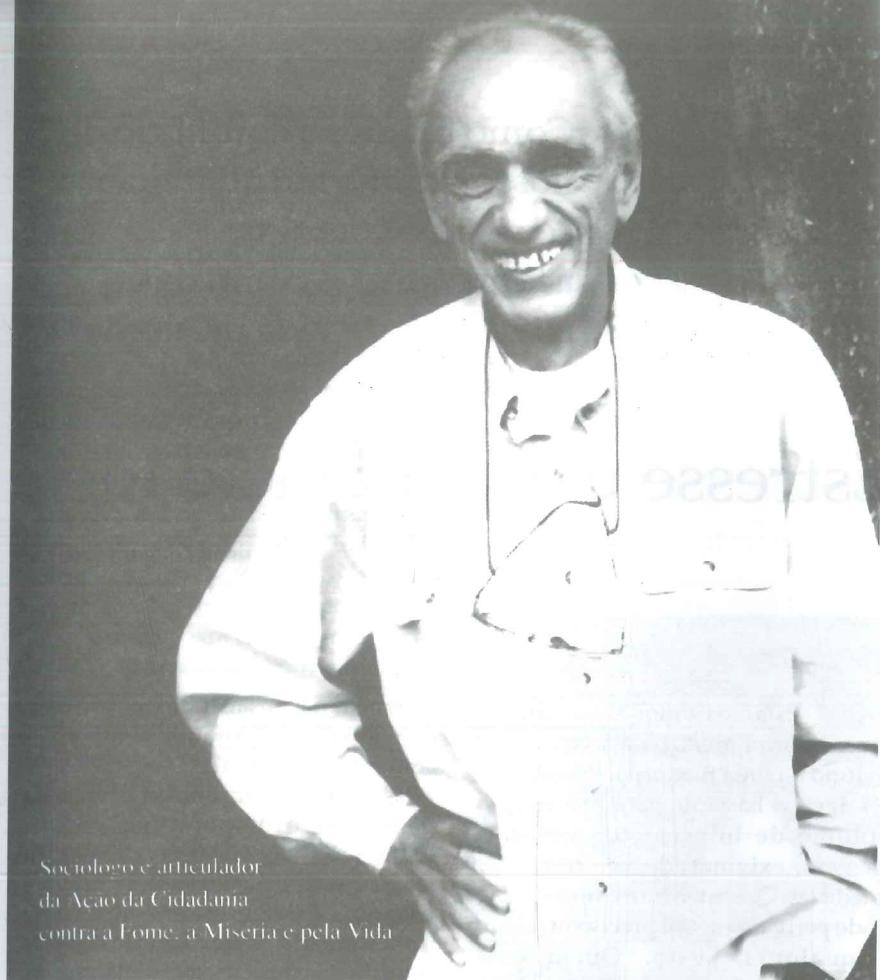
"Filho criado, trabalho dobrado..." (Ditado brasileiro)

Vamos recordar a carta que matou a fome de milhões de brasileiros, desencadeando o mais belo movimento social deste fim de século, movimento que não podemos deixar esmorecer.

Chega!

Herbert de Souza (Betinho)

Chega! Vamos dar um basta nesse processo insensato e genocida gerador de miséria, que coloca milhares de pessoas nos limites insuportáveis da fome e do desespero. O tempo da miséria absoluta e da resignação com esse quadro acabou. O tempo da conciliação e do conformismo acabou. A sociedade brasileira definiu a erradicação da miséria como sua prioridade absoluta. Esse é o clamor ético de nossos tempos, ao qual tudo o mais deve se subordinar. Essa deve ser a prioridade da sociedade e do Estado. Essa a obrigação de cada um e de todos nós. Tudo deve responder a essa questão. O orçamento público, as políticas, as ações governamentais, as atividades produtivas, comerciais e financeiras, as atividades de ensino e culturais, em que medida dão prioridade à solução dessa questão? Ou em que medida ajudam a aprofundar esse fosso que nos separa e nos divide entre os que têm e os que vivem na mais profunda miséria? Não se pode viver em paz em situação de guerra. Não se pode comer tranquilo em meio à fome generalizada. Não se pode ser feliz num país onde milhares se batem no desespero do desemprego, da falta das condições mais elementares de saúde, educação, habitação e saneamento.



Sociólogo e articulador
da Ação da Cidadania
contra a Fome, a Miséria e pela Vida

Não se pode fechar a porta à consciência, nem tapar os ouvidos ao clamor que se levanta de todos os lados. A insanidade de um país que marginalizou a maioria deve terminar agora. O Brasil precisa mobilizar todas as energias para mudar de rumo e colocar um fim na miséria. Devemos criar em todos os lugares a ação da cidadania em luta contra a miséria e pela vida. Precisamos todos construir esse movimento. Podemos ainda produzir o encontro do Brasil com sua própria sociedade. Democracia e miséria não são compatíveis.

Como manter o equilíbrio do nosso organismo quando o corpo não consegue acompanhar o ritmo das sugestões da vida moderna?

Estresse e espontaneidade

Darlene Ponciano Bonfim

Estamos todos de acordo: é preciso correr muito para acompanhar o ritmo da vida moderna. Precisamos ser ágeis o bastante para processar o volume de informações que nos chegam, exigindo de nós respostas imediatas. Quem tem um emprego, não pode perder tempo: é preciso mantê-lo a qualquer custo. Quem está desempregado, precisa correr para sobreviver. Quem tem cargos de chefia deve conviver constantemente com o peso do poder e com a responsabilidade das decisões.

A mídia bombardeia o nosso dia-a-dia de notícias negativas, que nos alcançam sem que tenhamos tempo para analisá-las. Os automóveis criam congestionamentos irritantes. O computador que emperra no meio de uma operação consome a nossa paciência. O fax, o celular, os pagers nos deixam "ligados" 24 horas por dia. Enfim, o homem é obrigado a viver com os nervos "à flor da pele".

Sem falar da tensão todo final de mês, com a mesma pergunta: como viver com o que se ganha?

A vida tornou-se acelerada demais para o ritmo do corpo humano. E este, reagindo, manifesta alertas com sinais e sintomas de doenças físicas e psíquicas. Talvez por isso nunca, como nos dias de hoje, houve tantas manifestações de doenças psicossomáticas. O estresse passou a ser um componente da vida moderna e começou a fazer parte do nosso vocabulário.

Mas afinal, o que é realmente uma situação de estresse?

No século XIX engenheiros ingleses passaram a usar o termo *stress* para indicar a tensão resultante de uma força aplicada em um corpo. Para testar a sua resistência "estressava-se" o objeto até seu ponto de ruptura.

A expressão passou da física para a medicina quando o biólogo canadense Hans Selye a utilizou para explicar o desequilíbrio químico que

acontece no corpo humano depois de uma agressão.

O estresse é um mecanismo normal, necessário e benéfico ao organismo, enquanto faz com que o ser humano fique mais atento e sensível diante de situações de perigo ou de dificuldade.

Na pré-história, por exemplo, quando um homem saía para caçar, era necessário um certo nível de estresse. A constrição dos vasos periféricos, o aumento da pressão arterial, a respiração ofegante e a dilatação das pupilas se tornavam positivos. Um corpo mais oxigenado, os músculos mais enrijecidos, só colaboravam para enfrentar os riscos.

O trabalhador, o estudante, qualquer pessoa rende bem quando está submetida a um nível razoável de estresse. A esse respeito a psicóloga Marilda Lipp da PUC de Campinas diz que "sob tensão pesada o ser humano rende bem por algum tempo. Depois simplesmente capota".

O estresse, portanto, faz parte da função do sistema nervoso e é muito útil em certas ocasiões: é, por exemplo, capaz de deixar o corpo em condições de lutar ou de fugir do perigo. Ele "esquenta os motores".

Quem é que não precisa de uma boa dose de estresse para ir negociar uma dívida com o gerente do banco? Para falar em público? Para fazer uma reunião importante?

Passada a situação de risco o organismo volta ao estado normal. O que realmente traz problemas é o estresse continuado e crônico e a falta de alternativas para que o organismo encontre o seu equilíbrio.



Existe hoje uma grande exigência de um confronto construtivo entre pessoas e grupos de convicções diferentes: o caminho é o diálogo.

Quando o nível de estresse aumenta muito e se torna constante, o estímulo benéfico é substituído pela fadiga e, mais adiante, pode tornar o organismo suscetível de doenças físicas e mentais.

Numa situação estressante acontecem certas reações químicas no organismo que, em excesso, podem prejudicá-lo. O cérebro, por exemplo, normalmente ordena a produção de opióceos, responsáveis pela sensação de bem-estar, e controla a produção de serotonina, que faz o corpo relaxar. Numa situação de estresse essa produção diminui, tornando a pessoa mais irritável.

A produção de adrenalina pelas glândulas supra-renais aumenta em situações de estresse. Este processo acelera os batimentos cardíacos e aumenta a pressão arterial. Mas se durar por muito tempo pode sobreacarregar o músculo cardíaco. Com a tensão, a respiração é acelerada e os vasos sanguíneos periféricos se contraem e são menos irrigados. Outro resultado do estresse é o aparecimento de úlceras no estômago devido à maior produção dos ácidos do suco gástrico.

Existe também uma relação entre o estresse e patologias de vários tipos como câncer, diabetes, asma, enxaqueca. Por tudo isso o estresse se tornou também sinônimo de tensão, nervosismo, depressão ou estafa. Virou doença.

De acordo com um relatório da Secretaria de Administração da Prefeitura de São Paulo, o número de licenças médicas concedidas a funcionários do órgão por estresse e hipertensão ultrapassa a soma das licenças por acidente de trabalho, de trânsito e acidente doméstico.

Uma pesquisa realizada pela PUC de Campinas com 1.800 pessoas no aeroporto de Congonhas, num grande edifício do centro comercial de São Paulo e na sede de uma multinacional, mostrou que 32% dos entrevistados apresentavam sintomas de estresse num nível que exigia atenção médica.

Para combater o estresse, a maioria dos médicos - quase a unanimidade - desaconselha o uso de comprimidos. E defendem que a melhor solução está no dia-a-dia. Segundo eles é necessário descobrir formas para controlá-lo diariamente, fazendo com que o organismo reencontre o mais rápido possível o seu equilíbrio.

Uma solução simples

Recentemente uma revista especializada em saúde apresentou a falta de espontaneidade do homem moderno como uma das principais causas para o aumento do nível de estresse.

Não conseguimos mais ser espontâneos. Dar uma boa gargalhada sem estar preocupado com o julgamento dos outros; dizer "não" com simplicidade, mesmo tendo de reconsiderar a resposta depois; che-

A cultura da partilha é a base para a realização da Economia de Comunhão porque forma o homem para a sociedade e para a doação de si mesmo.

gar em casa no final do dia, sentar no chão e "jogar tudo para cima", mesmo sabendo que vai ser necessário retomar tudo depois. Quem ainda faz essas coisas espontaneamente?

Com o passar do tempo, com as exigências da vida profissional e com a permanente cobrança da sociedade, vamos perdendo o nosso jeito simples de ser: aquele sorriso maroto, aquela mania de fazer careta, aquele jeito de sair pulando depois de uma boa notícia.

Estudos recentes demonstram que a pessoa cronicamente tensa tem a sua criatividade e flexibilidade comprometidas.

E é aqui que entra o mercado com as suas propostas de solução para o estresse: academias de todo tipo, métodos de relaxamento, meditações. Sem falar da indústria farmacêutica com os seus antidepressivos (o Prozac, por exemplo) que "não provocam sonolência e mantêm a atividade intelectual e o humor".

Na indústria farmacêutica brasileira os dois remédios campeões de venda são o Frontal e o Lexotan,

ambos calmantes benzodiazepínicos. São remédios indicados para o tratamento da ansiedade e da síndrome do pânico. Na prática, porém, apenas 10% das pessoas que os consomem são de fato encaminhadas por psiquiatras devido a esses problemas.

"As pessoas mais estressadas são aquelas que têm dificuldades para exprimir seus sentimentos, que têm a tendência para "explodir" nos momentos de tensão, mas que acabam fazendo um esforço enorme para serem gentis e educadas" explica Marilda Lipp, professora de psicologia da Unicamp.

O melhor remédio contra o estresse é, portanto, a espontaneidade: rir, brincar, manter o humor, ver o lado positivo de tudo, surpreender, arriscar, cantar, gesticular, gritar, chorar, bater os pés. Uma sugestão muito prática é eliminar do nosso vocabulário palavras como cansaço e crise. Enfim, dar sabor à nossa vida e liberar um pouco mais a criança que existe em nós.

Extraído de Cidade Nova, jul/98

① O que este artigo provoca em nós? Até que ponto as idéias e informações do autor correspondem ao que está acontecendo conosco?

② É certo que as correrias da vida moderna estão nos estressando? Dá para parar e pensar? Fazer uma revisão de vida?

③ As sugestões do autor para vencer essas tensões da vida moderna se aplicam ao nosso estilo de vida?

④ Que outras atitudes, mudanças de hábitos, novas experiências poderiam ser tentadas para vencer a rotina, o tédio, o cansaço, o stress?



"Quanto mais negra a noite, mais próxima a madrugada" (D. Helder Câmara)

Descobrimento ou invasão,
colonização ou conquista?
É tempo de rever a história pelos
olhos dos povos que aqui viviam.

O Brasil que queremos são outros quinhentos

Marcelo Barros
Monge beneditino, escritor

Quando éramos crianças, uma das primeiras coisas que aprendemos na escola foi que Pedro Álvares Cabral descobriu o Brasil no dia 21 de abril de 1500. Olhávamos a história como se fôssemos crianças portuguesas que tivéssemos recebido do pai uma fazenda para brincar. Pouco a pouco, fomos percebendo que os portugueses invadiram uma terra habitada por seis milhões de pessoas, pertencentes a 1.300 povos e etnias diferentes. Na realidade, o descobrimento foi uma invasão violenta que "encobriu" uma guerra injusta que começou há quinhentos anos e tem repercussões atuais. O Brasil que, no início da colonização, o rei de Portugal dividiu em "capitanias hereditárias", continua responsável por uma concentração de terra e distribuição de renda das mais iníquas do mundo.

Preparando as comemorações do quinto centenário da coloniza-

ção, que ainda chamam de "descobrimento", as entidades oficiais prevêem festas e comemorações solenes como se a conquista tivesse trazido um grande benefício para o povo e devêssemos agradecer o fato de ter sido colonizados por europeus. De fato, os povos indígenas que continuam sobrevivendo à violência do "descobrimento-conquista" se sentem cada vez mais ameaçados em suas vidas e culturas. A população negra continua marginalizada e sofrendo consequências da escravidão da qual foi vítima. À violência racial, se substituiu um sofisticado sistema de exclusão que cada dia mais se configura como um verdadeiro "apartheid social".

Muitos ainda dizem que o grande benefício que a colonização trouxe foi a fé, transmitida pelos missionários enviados pelo império português. Outros respondem que

A tela de Oscar Pereira da Silva (1867-1939), retrata o desembarque dos descobridores ou o início da invasão das terras que tinham outros donos... (Acervo do Museu Paulista da Universidade de São Paulo).



a outro presidente que ele nos deixasse em paz.

Na Bíblia, a comemoração de quinhentos anos é celebração do jubileu, ou seja, a trombeta da justiça de Deus que vem restituir aos desvalidos o que lhes foi expropriado e novamente repartir terra, trabalho e saúde para todos. O papa João Paulo II convocou todas as Igrejas cristãs e até crentes de outras religiões para fazermos do ano 2000, um tempo de jubileu que signifique o resgate das dívidas sociais e possibilite à humanidade entrar no terceiro milênio da era cristã, reconciliada consigo mesma, com a natureza e com Deus. A comemoração dos quinhentos anos da conquista portuguesa no Brasil deve se inserir nesse espírito do jubileu bíblico e começar por uma efetiva reforma agrária e uma política que possibilite relações de justiça entre nós. Então, Deus se sentirá louvado!

Seja como for, esses cinco séculos marcam uma época da nossa história. Não adianta negá-los ou fazer de conta que não existiram. O importante é avaliá-los corretamente.

Vamos celebrar o quinto centenário da invasão. Não com a arrogância dos governantes que, cada dia com mais cinismo, orgulham-se em abandonar milhões de excluídos, como se dissessem a todos que neles votam: "Que se virem!".

É preciso fazer da comemoração dos quinhentos anos um momento de forte mobilização popular. Como foi a campanha pela anistia, pelas diretas-já ou quando todo mundo se vestiu de preto para dizer

Durante séculos, para os cristãos, falar de sexo era o mesmo que falar de pecado.

Sexualidade humana sem terrorismo moralista

Pe. Mário de Oliveira
Diretor do jornal "Fraternizar", Portugal

Escrevo a título pessoal, mas não posso ignorar que sou padre da Igreja católica e, nesta qualidade, sou o rosto duma instituição que, durante séculos, fez terrorismo moral, nomeadamente na área da sexualidade humana.

Na linguagem dos eclesiásticos católicos, desde o papa aos bispos, e também aos párocos nas aldeias e cidades, com destaque para os confessionários das Igrejas, tudo o que tinha a ver com comportamentos sexuais, sempre foi olhado e tratado como o grande perigo moral.

Dizer sexo, era dizer tentação, coisa feia, pecado. E nesta área, praticamente, tudo era pecado e pecado mortal, a condenar as pessoas ao eterno fogo do inferno!

Pecava-se, não apenas por ações, mas também por pensamentos e desejos. As coisas chegaram tão longe, no terror, que houve pessoas que não hesitaram em autocastrar-se, numa tentativa

de se livrarem do seu sexo e, consequentemente, do pecado. Ignoravam que o principal órgão sexual é o cérebro, não são os órgãos genitais propriamente ditos.

Assumir este pecado da Igreja e pedir perdão

Começo por lembrar estas coisas, infelizmente não de todo ultrapassadas na Igreja católica de que sou membro, não pelo prazer de dizer mal dela, de a criticar, de a denunciar.

Faço-o, porque quero assumir, diante de vós, este pecado da Igreja e, sobretudo, porque quero pedir-vos perdão e, em vós, pedir perdão à Humanidade, por tão mal nos termos comportado, como Igreja católica, neste particular, e por tanto termos feito sofrer as pessoas que viam na Igreja católica a instituição

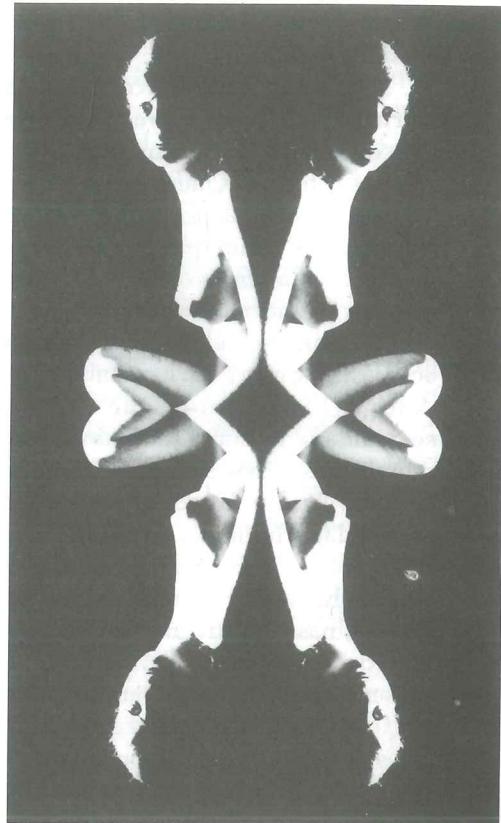
de Deus que as deveria orientar moralmente na terra!

Faço-o, também, para vos pedir que, dum vez por todas, jamais identifiqueis este comportamento dos moralistas eclesiásticos com a Igreja de Jesus; muito menos, com Jesus; e, muito menos ainda, com o Deus que Jesus nos revelou com a sua prática sexuada, radicalmente libertadora e universalmente integradora, fraterna e sororal, solidária e tolerante, cheia de compreensão e ternura, sem dúvida, a maior boa notícia e também a melhor de todas as notícias que a Humanidade alguma vez viu e ouviu à face da terra.

Outra corrente não moralista na Igreja

Com esta introdução, já tereis percebido que, embora eu seja padre da Igreja católica, de modo algum me identifico com o moralismo que a generalidade dos seus eclesiásticos teve e, porventura, ainda tem, nesta matéria, como em tantas outras. Mesmo assim, nem por isso me sinto fora da Igreja, ou auto-excluído dela. Muito pelo contrário. E por quê?

É que descubro na Igreja uma outra corrente, minoritária, sem dúvida, que vai noutra direção e que essa sim - tem tudo a ver com a Palavra de Deus, com a Revelação bíblica de Deus, cujo cumo foi atingido em Jesus de Nazaré e, desde a sua morte-resurreição, constantemente se atualiza, em todos os tempos, lugares e culturas, através do Espírito Santo, sempre aí misteriosamente presente e ativo,



Durante quase dois milênios, a sexualidade foi tratada nos livros de moral por teólogos celibatários, condicionados por uma formação orientada para a exclusão definitiva da sexualidade na sua vida e na vivência do seu ministério.

para nos guiar para a verdade total (= liberdade total).

Esta corrente está contida num livrinho bíblico, praticamente desconhecido da maior parte dos cristãos católicos. Quem de vós já leu "O mais belo dos cânticos composto por Salomão" - é assim que ele próprio se nos apresenta - mais conhecido, entre nós, por "Cântico dos Cânticos"?

Para escândalo dos moralistas eclesiásticos, este é um livro bíblico, do Antigo Testamento. Que canta a sexualidade humana sem tabus, sem moralismos torpes, sem pornografia na cabeça. É um livro que canta a sexualidade humana, em toda a sua força erótica e festiva, apaixonada e companheira, comunitária e solidária, que ela, nas suas diversas tendências, hétero e homo, sempre há de conter, se quiser ser bem humana e humanizante.

O escândalo dos moralistas eclesiásticos é tanto maior, quanto o poema canta, não o amor entre uma mulher e um homem unidos pelo casamento, mas o amor entre uma mulher e um homem, simplesmente. E faz dessa relação livre e festiva - que os moralistas eclesiásticos, se quiserem ser coerentes, terão de classificar como pecado mortal - a maior Revelação de Deus, daquele Deus que as comunidades cristãs de João virão a dizer, depois da morte-reressurreição de Jesus, que é o Amor, isto é, a Agapé, a Gratuidade.

Vejam só como abre este poema espantosamente humano, sexuado, erótico e liberto, em que é mais a mulher a tomar a iniciativa:

"Beija-me com os teus doces lábios / que as tuas carícias são mais deliciosas que

o vinho / os teus perfumes cheiram tão bem / o som do teu nome é agradável perfume / por isso as mulheres gostam de ti / Leva-me contigo! Vamos depressa! / Leva-me para os teus aposentos, ó meu rei / vamos alegrar-nos eu e tu, e ser felizes / celebraremos o teu amor mais suave do que o vinho / com razão toda a gente gosta de ti!

Um livro sempre reprimido e silenciado

Infelizmente, durante estes dois milênios do Cristianismo - foram mais de Cristandade! - o livro Cântico dos Cânticos foi reprimido, silenciado, ignorado, excluído. Ou então, foi interpretado numa dimensão meramente mística, sem sexo, questão de estilo: o que ele cantaria é o amor de Cristo pela sua Igreja!

Ainda hoje, continua totalmente ausente das liturgias católicas, até das celebrações do sacramento do matrimônio. Não é de estranhar. Porque o Deus que por ele e nele se nos revela é visceralmente incompatível com a discriminatória Ordem Patriarcal dominante, ferozmente machista, alicerçada no Poder e no masculino, não na Ternura e no feminino.

Em seu lugar, os moralistas eclesiásticos - eles próprios forçados ao celibato por força dum ação imoral da sua Igreja - hiper-desenvolveram, em volumosos e complexos tratados de moral sexual, o sexto e o nono Mandamentos da Lei de Deus, melhor, de Moisés, melhor ainda, da casta sacerdotal hebraica, com a agravante de os interpretarem a partir das suas fobi-

as ou medos sexuais e dos seus recalques, servidos por um imaginário altamente doentio e pornográfico, que tem mais a ver com a esquizofrenia, do que com a sanidade mental.

Ora, quando a Palavra de Deus, de sua natureza, libertadora e criadora de seres humanos radicalmente livres e responsáveis, protagonistas e sujeitos, acaba reduzida a mandamentos e a leis, ou, pior ainda, a catálogos de ações previamente classificadas de moralmente boas ou moralmente más, estamos perante um crime de lesa-Palavra de Deus, de lesa-Deus, e também de lesa-Humanidade.

E tudo o que daí vier tem mais de demoníaco, do que de divino e humano, é idolatria, não é Fé cristã, serve para aterrorizar e castrar as pessoas, de modo algum, promove o aparecimento de pessoas livres e responsáveis.

De uma moral castradora para uma moral libertadora

Mas será que as coisas vão mudar?

Pormim, estou confiante - e por isso trabalho com entusiasmo e incansavelmente no ministério presbiteral de Evangelizar os Pobres - que a Igreja do próximo milênio será radicalmente diferente, também nesta dimensão da sexualidade humana.

Passaremos dum ação moral moralista, legalista, de mandamentos e de catálogos de pecados e, por isso, castradora, para uma moral libertadora e responsável, criadora de comportamentos verdadeiramente

humanos, ou seja, passaremos dum ação moral sexual dos Mandamentos de Moisés e do clero judaico, para a moral do Cântico dos Cânticos de Salomão, com a qual Jesus de Nazaré, o Cristo, mais se identificou na sua prática libertadora.

Em vez da lei que sempre mata, haverá o Espírito. E este sempre dá vida, faz viver humanamente, isto é, com responsabilidade.

A lei mata e faz súditos, que infantilmente perguntam pelo que é permitido e proibido, isto é, se isto é ou não pecado. O Espírito, ao contrário, liberta para a liberdade, cria seres humanos autônomos e progressivamente responsáveis, os quais, em cada circunstância, procuram descobrir o que é melhor; e isso fazem com alegria.

Tudo me é permitido, mas nem tudo convém

Como orientação, para este novo jeito de ser mulher/homem, vale aquela velha, mas sempre nova afirmação de S. Paulo aos Coríntios: "Tudo me é permitido, mas nem tudo convém". E o que não convém, também na área dos comportamentos humanos sexuais, é tudo aquilo que possa prejudicar o saudável desenvolvimento da vida em cada um de nós e em todos os que, de alguma maneira, possam vir a ser afetados por eles.

Finalmente, permiti-me este alerta: Embora o sexo seja importante e dele dependa muito do nosso equilíbrio psíquico e da nossa saúde

a todos os níveis, muito mais importante é, há de ser, o Projeto de vida que cada uma e cada um de nós há de ter, como ser humano livre e responsável - portanto, não escravo de nada nem de ninguém, nem sequer dos seus próprios caprichos - e que dá

sentido a tudo o que fazemos.

Por isso, posso afirmar, sem o risco de me enganar: Diz-me qual é o teu projeto de vida e dir-te-ei como estás vivendo a tua sexualidade.

Extraído de "Fraternizar"

@ Como nos colocamos diante do pensamento do autor deste artigo? O que suas idéias tocam nossa vida?

@ Como esse tema é trabalhado pelos pais no diálogo com seus filhos?

@ Essa visão da sexualidade humana é geralmente a predominante na vida da Igreja? Na preparação dos jovens para o casamento?



O imprescindível cultivo da sensibilidade. Mostrava o noticiário uma cena pelo menos estranha para muitos: policiais musculosos, de Tóquio, fazendo flores de papel e bordados! No final, a psicóloga explicou: para pessoas que administraram tensões e confrontamentos – caso típico dos policiais – é importante cultivar a sensibilidade. Nascemos sensíveis à música, às cores, ao afeto. Também ao cultivo do imaginário, do belo. É necessário sentir e cultivar o sensível em cada criança, em cada pessoa. Sentir e lutar para que todas possam cultivar essa sensibilidade. Opor-se, também, a tudo que impede o desenvolvimento da sensibilidade, sejam forças e pressões socio-econômicas ou emocionais. O cultivo da sensibilidade prepara a criança para que, uma vez adulta, seja e esteja sempre aberta à justiça e à solidariedade, à amorização e aos valores éticos. Criança embrutecida pela falta de carinho, pela ausência de condições materiais mínimas – ou pelo excesso de conforto – corre o risco de se transformar numa pessoa impermeável à sensibilidade que dá sentido à nossa vida. Quem sabe, num elegante fabricante de armas que ou mesmo num bandido vulgar. O ambiente familiar amoroso, afetuoso e terno, mesmo com seus conflitos comuns, projetará a criança para assumir um Deus Pai também amoroso, afetuoso e terno. Adulta, ela saberá orar na trindade: eu + meu próximo + Deus. Terá sensibilidade para a humanização das coisas e das pessoas – sentido da fé na Boa Nova de Jesus. Enfim, estará aberta à Utopia do Reino de Deus!

**Diga não à droga!
a droga é uma droga!**

Nunca houve tanta informação: rádio, TV, jornais e revistas, Internet, cinema, publicidade, livros etc. Diante dessa multimídia globalizada, uma pergunta se impõe: somos bem informados?

Comunicação: diálogo entre emissor e receptor

Frei Betto
Escritor

Emissores x receptores

A tecnologia de comunicação atual é, quanto à forma, a melhor que a humanidade já conheceu. E quanto ao conteúdo? (Atenção: nem todo avanço tecnológico representa melhoria de qualidade. Exemplos: remédios industrializados costumam ter mais contra-indicações que os naturais; perdemos o know-how egípcio de fazer pão que não endurece, e já não sabemos como os medievais produziam cortes na pele, para fazer sangria, sem deixar cicatrizes.)

Hoje a mídia rompe todas as fronteiras de tempo (o vídeo traz Ayrton Senna ou Chico Mendes vivo) e de espaço (vemos de São Paulo o vulcão Etna, na Sicília, cuspido lavas). A luz já não é a única a ocupar a pole position em matéria de velocidade. A informação é tão rápida quanto ela.

Nós, os receptores, estamos aptos a acolher toda essa massa de informação? Temos resistência psíquica e capacidade de assimilação frente à avalanche de estímulos visuais, mentais e emocionais? Sabemos avaliar o conteúdo da informação?

O emissor é coletivo. Com exceção do livro, produzir jornal, revista, TV, etc. é trabalho comunitário. Ora, o receptor só deixará de

correr o risco de ser manipulado pelo emissor na medida em que ele também for coletivo.

Censura à parte, a proposta das deputadas Sandra Starling e Martha Suplicy, de controle da mídia, sobretudo na TV, pela sociedade, deve significar formação de receptores coletivos. Era o que faziam os cines-clubes dos anos 50 e 60. Ajudavam-nos a ter olho crítico diante dos filmes e a apreciar as obras de arte.

Assim como nas escolas há disciplinas que introduzem os alunos à leitura, é hora de introduzir também as que o formem como telespectador. TV é algo demasiadamente sério e poderoso para ficar só por conta dos emissores.

Então, ficará mais fácil entender por que tudo o que é divulgável não é necessariamente divulgado e, infelizmente, porque tudo que é divulgado não é necessariamente divulgável. Abrir-se-á o diálogo entre o emissor e o receptor.

O emissor, como sem-orelhas, ganhará ouvidos. E o receptor, como sem-boca, ganhará voz. E a sociedade ficará mais democrática.

Contextualização

Se a transmissão da informação supera tempo e espaço, o mesmo não se dá na recepção. É limitada à nossa capacidade de assimilação. E mais ainda a de compreensão. O carrossel de imagens descontextualiza a notícia. Vemos a bolsa de Valores de Seul, mas nem sempre temos idéia da localização

daquela cidade no mapa. Sabemos que na Lapônia faz muito frio, e as renas são mortas a cacetadas, mas vacilamos quando se trata de localizá-la. Temos dificuldade de distinguir, na mídia, o falso do verdadeiro e o essencial do acessório.

As imagens de pessoas desastradas, exibidas no Faustão, são reais ou encenadas?

Temos o dado, mas falta a contextualização do dado (onde? quando? como? por quê?). Faltam-nos recursos para interpretá-lo. Ou será que os emissores preferem que haja cada vez mais indução e menos interpretação?

Apurar o senso crítico

Quanto mais pleótica a informação, mais superficial. Norbert Wiener, fundador da cibernetica, dizia: "O homem moderno sabe fazer, mas não sabe compreender". Ora, sem compreensão a arte vira diversão; a cultura, entretenimento, a notícia, panacéia; o texto, enfadonho (daí os jornais tenderem a menos texto e mais fotos e ilustrações).

Há pouco, um americano calculou que um cidadão novaiorquino, envolvido em sua rotina de locomoção diária, mais a mídia doméstica, é bombardeado por cerca de 8.000 apelos publicitários num mesmo dia. *Se non è vero, è ben trovato.* E ainda indagamos quais as causas do estresse.

A crítica de Wiener lembra a perplexidade do profeta Isaías, no século 6 a.C.: "Vistes muitas coisa

sem lhes dar atenção, tivestes os ouvidos abertos sem escutar" (42, 20). Temos os fatos às claras, mas carecemos de recursos para contextualizá-los e discerni-los. Assim como o televisor é um aparelho neutro, que tudo projeta, o telespectador é induzido a ser um receptor neutro, insensível ao que recebe através da razão, porém emocionalmente moldável.

Alfred Gorsser publicou, em 1950, o livro *"Hitler, a imprensa e o nascimento de uma ditadura"*. É uma análise de notícias extraídas de duas centenas de jornais europeus e americanos, entre 1932 e 1933. Todos registram, sem nenhum acento crítico, a gloriosa ascensão de Adolf Hitler! Afinal ele tinha ódio aos comunistas, prometia resgatar o orgulho alemão (combatido após a Primeira Guerra), acabar com o desemprego e fazer da nação uma grande potência. Raros homens públicos, como Churchill e o teólogo Karl Barth, atinaram para o perigo. Mas os leitores daqueles jornais achavam tudo tão interessante quanto milhões de brasileiros, meio século depois, da eleição de Collor e do confisco das cadernetas de poupança.

Informação biológica

A informação é um fenômeno biológico. Nossas células não sobrevivem sem as informações transmitidas pelo DNA. São elas que permitem, no feto, a formação de ossos e músculos, órgãos e membros, bem como do intrincado sistema de irrigação sanguínea à fantástica



Assim como nas escolas há disciplinas que introduzem os alunos à leitura, é hora de introduzir também as que o formem como telespectador. TV é algo demasiado sério e poderoso para ficar só por conta dos emissores.

eletroquímica dos neurônios, que fazem do cérebro humano o mais sofisticado e complexo sistema de comunicação.

Tome-se um exemplo: você odeia costeletas de porco fritas. De repente aparecem no prato que lhe servem. Numa fração de segundo, seu cérebro decodifica a imagem recebida pelo olho e o cheiro remetido pelo olfato. São costeletas de porco fritas! A memória olfativa soma-se ao odor enjoativo.

Você recorda do menino vomitando costeletas de porco fritas. A lembrança provoca náuseas, enquanto o cérebro ativa comandos que lhe reduzem o apetite.

Serviço da verdade

Informar é imprimir significado. Para o Evangelho, servir à verdade, dentro de paradigmas éticos que façam com que ela prevaleça sobre a mentira, bem como a luz sobre as trevas, o conhecimento sobre a ignorância, a sinceridade sobre a hipocrisia, a vida sobre a morte.

A mídia presta, em muitas ocasiões, esse serviço, mas, em geral, só quando estão em jogo grandes interesses. Torna inviáveis, por exemplo, as guerras que envolvem nações industrializadas (os EUA metidos com o Iraque dá ibope; o genocídio causado por conflito entre dois países da África merece poucas linhas...). Em suma dá quase nenhuma importância ao cenário captado pelas lentes de Sebastião Salgado (ele sim, sozinho, uma mídia alternativa).

No Brasil, tudo permanece como dantes no quartel de Abrantes... até que a mídia denuncie. Então, o governo toca a exigir mais rigor nos exames de aids, os hospitais convocam pacientes examinados, a polícia reabre o inquérito sobre a morte de bebês em maternidade, o governador, Mário Covas promete, mais uma vez, apurar violências praticadas pela polícia de São Paulo.

Efeitos da informação

Do lado do receptor, a informação pode surtir dois efeitos nocivos: fanatismo ou ceticismo. O fanático julga que sua informação traduz toda a verdade. O cético relativiza tudo e considera o mal uma endemia crônica.

Para ele, "todo político é corrupto". O cético diz "não quero saber"; o fanático diz, "já sei tudo".

Nesse sentido, a mídia tem o dever ético/pedagógico de matizar certezas e solapar desesperanças. Deve assumir seu papel de nutriente do espírito. Manter acesos valores humanos como auto-estima, solidariedade, justiça e esperança.

David Riesman, sociólogo americano, no livro "A multidão solitária", analisa o comportamento do público face à informação. Destaca três atitudes: indiferença, moralismo e coleta de informações como afirmação de status.

O indiferente é o receptor que delega poderes a um canal da mídia (uma TV ou um jornal, por exemplo). Dali ele colhe a informação como oráculo de verdade. Não lhe

passa pela cabeça desconfiar do veículo. Está convencido de que jamais é enganado ou manipulado. Isso engendra nele uma segurança psíquica desprovida de responsabilidade. Ele se abandona ao veículo.

Reveste-se de uma apatia que o protege de questionamentos ou da possibilidade de encarar os fatos por uma outra ótica. E ignora que se tornou um ser dócil nas mãos do veículo que elegeu.

O moralista julga que só ele detecta o mal com absoluta precisão. Ainda que não tenha poderes para melhorar o mundo, empenha-se em evitar que o mal se introduza no mundo. Diante dos fatos, ele oscila entre duas reações: indignação ou entusiasmo. Fica indignado diante de tudo aquilo que fere seus princípios morais. Sofre por não poder impor, à complexidade da vida coletiva atual, os padrões que regem sua conduta pessoal. Por isso, entusiasma-se quando assiste à repressão aos "maus costumes". Torce pela censura.

O colecionador de notícias procura "ficar por dentro" de tudo o que ocorre nas altas esferas da sociedade. O olímpo do poder o fascina. Ele não gosta de ser consi-

derado "por fora" ou como alguém que "não sabe das coisas". Inteirado do que fazem e como vivem as pessoas tidas por Vips (vide a revista Caras), sente-se virtualmente na intimidade do poder. Apropria-se verbalmente da vida alheia.

Todos os três são receptores apáticos do ponto de vista do engajamento social. Miram as notícias sem dar um passo para modificar o estado de coisas. São galera, enquanto o campo fica dominado pelos arrivistas, sobretudo políticos profissionais. Assim, instala-se uma espécie de letargia coletiva e a realidade, com todas as notícias maravilhosas e tenebrosas, vira mero cenário.

É como se estivéssemos num teatro personalizado - a poltrona da sala da casa ou a cadeira frente ao computador - com os olhos atentos no palco. O grave é que, de fato, estamos também no palco e não podemos fugir desse drama chamado história humana.

Fazer da mídia a musa da democracia real, eis o grande desafio nessa virada de milênio.

Frei Beto é escritor, autor, entre outros livros, de "A menina e o elefante" - FTD.

@ Quando querem confirmar que um fato é verdadeiro, muitos dizem: "deu na TV"... Isto é uma confirmação suficiente? Podemos acreditar em tudo que é transmitido?

@ Que tipo de receptores somos nós? Indiferentes, ou moralistas, ou ávidos de informação para apenas "estar por dentro" do que está acontecendo e nada fazer? Ou somos diferentes desses três tipos?

@ As informações que nos chegam pela TV, jornais e revistas nos levam a agir?

Não fique assim tão sério...

Este episódio aconteceu mesmo, num Encontro do MFC em Porto Alegre. Pelo menos é o que contaram, sem desmentido...

Veio um padre do Norte, viajando por terra durante três dias. Chegou à noite na rodoviária, mais morto do que vivo, e se foi para a casa dos hospedeiros designados para recebê-lo.

Na casa encontrou um velório: um vovô havia falecido naquela tarde e, segundo o costume da família, estava sendo velado em casa.

O padre ficou desconcertado pelo incômodo que ia causar, mas a família insistiu e ele ficou. Por solidariedade, participou do velório. Os parentes e amigos cercavam o falecido sentados sonolentos em torno do caixão.

O padre não resistiu e acabou cochilando na cadeira.

Lá pelas tantas, serviram um chimarrão. A cuia passava de mão em mão, e cada um chupava a bebida pela bomba, aquele tubinho de metal artisticamente decorado com pequenos relevos.

Chegou a vez do padre que cochilava. Cutucaram. Acordou. Passaram-lhe a cuia com a bomba. Ele não conhecia o chimarrão e seu ritual.

Ainda meio sonolento e sem entender o que era aquilo, tomou a cuia, levantou-se, aspergiu o defunto com a bomba e começou o ofício fúnebre...

Uma frase célebre na política mineira é atribuída a José Maria Alkimin, um dos mais hábeis políticos do seu tempo.

Como presidente do seu partido, foi chamado à noite, às pressas, para resolver uma crise interna que seus companheiros consideravam da maior gravidade.

Foi para a sede do Diretório local. Seus assessores o receberam ansiosos:

"O fato é o seguinte, doutor Alkimin..."

Mas ele cortou, seco:

"Não me interessam os fatos. Quero as versões!"

Já não se sabe que idioma se fala no Brasil. O cenário é um shopping center qualquer...

"Vocês também comem no McDonald's?"

"É... as crianças adoram hot-dog e milk-shake, e nós entramos no McChicken com sundae de marshmallow".

"Eu não posso. Fiz um check-up por causa do stress e estou de dieta. Esses fast-food me matam".

"Eles fazem um bom marketing. A garotada não resiste. Eu aproveito para comprar algum software

novo na loja do shopping. Já entrei no windows 98. Na semana passada, voltei do week end resolvido a fazer um leasing para atualizar meu equipamento pra entrar melhor na Internet. O meu site está muito bom".

"Também montei a home page da empresa. Você sabe que estou na holding do grupo? Formamos um pool de empresas e já fizemos dois workshops pra criar novas joint-ventures".

"Você ainda faz aquele cooper de manhã? Não te vejo mais com aquele jogging amarelo..."

"Pai, quero outro sprite! Mamãe foi comprar meu short e o shampoo dela e tá demorando".

Não deu para ouvir o resto...

Para demonstrar que não são mais tão machistas, alguns homens estão escrevendo mais ou menos assim:

"Meus amigos e minhas amigas. A crise vai atingir os trabalhadores e trabalhadoras, todos os cidadãos e todas as cidadãs, seus filhos e filhas, deixando-os(as) sem esperanças. Os idosos e idosas só vão ser aposentados(as) se provarem sua contribuição. Eles e elas precisarão de apoio dos seus parentes e parentas. A velhice deles e delas vai afetar os seus netos e suas netas. Por outro lado, os professores e professoras vão preparar seus alunos e suas alunas para um futuro diferente para eles e elas. As Associações de Pais e Mães e Mestres e Mestras dos colégios deve-

rão exigir mais dos seus orientadores e suas orientadoras pedagógicos(as). Espero que meus leitores e minhas leitoras sejam compreensivos(as) e entendam o meu cuidado em não discriminá-los(las) por seu sexo naquilo que escrevo. Meu abraço para cada um(uma)".

Um padre caminhava por uma estrada do interior, para conhecer seus paroquianos mais distantes da cidade. Ao passar diante de um sítio muito bem cuidado, viu na varanda da casa o dono da terra, sentado na cadeira de balanço, contemplando com prazer o campo cultivado e a horta do lado da casa. O jardim da frente estava coberto de flores.

O padre ficou encantado. Cumprimentou o feliz agricultor e comentou:

"Que beleza o seu campo e os seus jardins. Deus seja louvado pela obra maravilhosa que Ele fez no seu sítio!"

O homem balançou mais um pouco e concordou.

"É verdade, seu padre. Deus foi muito bom comigo. Mas eu queria que o senhor visse o meu sítio quando Ele trabalhava aqui sozinho..."

Envie uma "estória" para esta seção. Se for selecionada e publicada, você vai ganhar uma assinatura de fato e razão.

Redação: R. Des. Saul de Gusmão, 80/VIII CEP 22641-280 Rio de Janeiro - RJ.

O dia mais importante do ano litúrgico das comunidades judaicas é o *Yom Kippur*, “O Dia do Perdão e da Renovação Universal”

Um *Yom Kippur* para o universo

Marcelo Barros
Monge beneditino, escritor

Cada ano, nesse dia, as pessoas são convidadas pelos judeus a antecipar o “último dia da História”, a meta do mundo unido a Deus. Cada um deve reconsiderar a sua responsabilidade pessoal e comunitária, a reparar o que fez de errado com os outros e retomar a aliança com o Senhor, alegre por sempre ser perdoado.

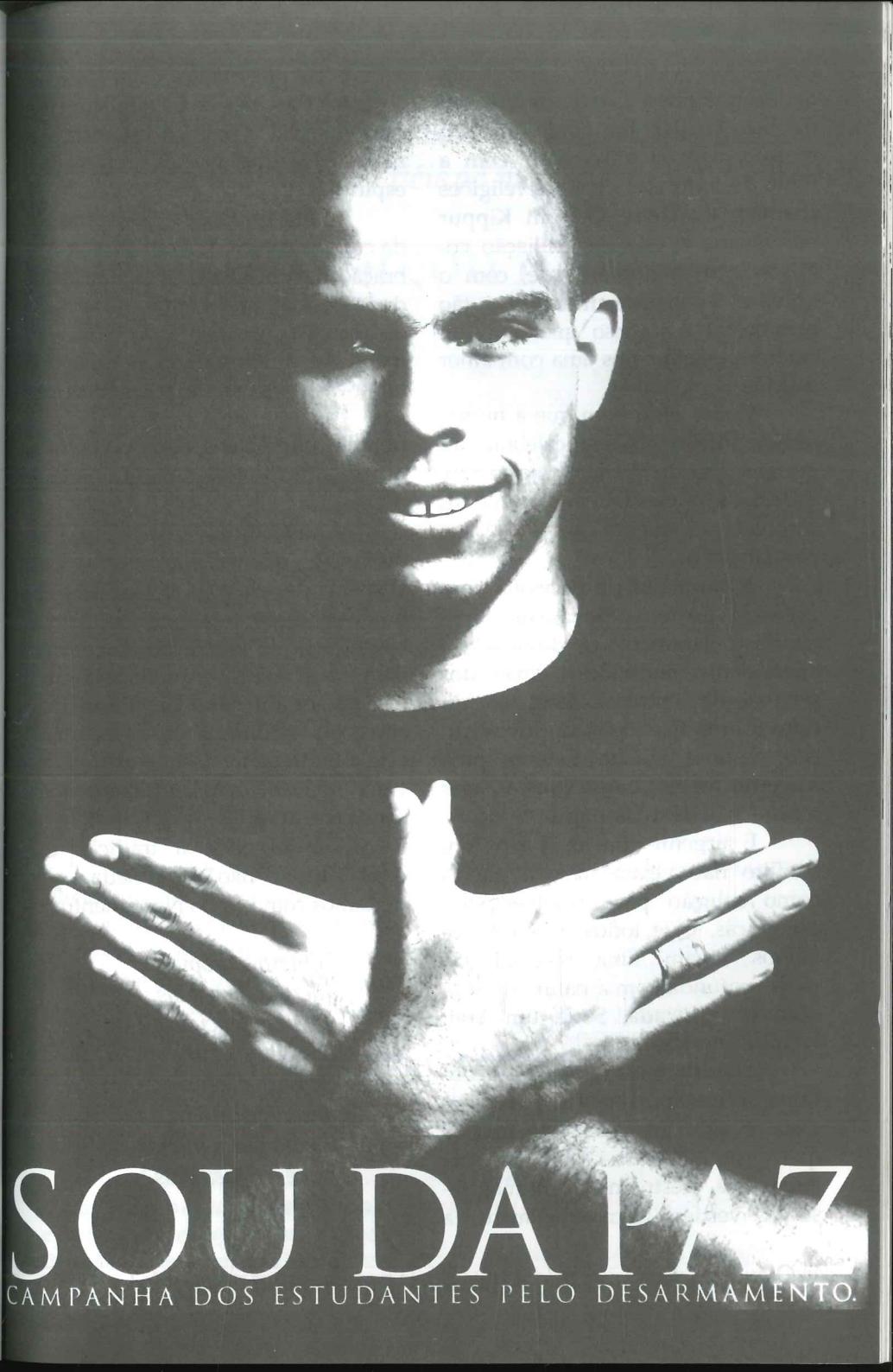
O Dia do Perdão era a única ocasião do ano, na qual o sumo-sacerdote pronunciava o nome santo de Deus: as quatro consoantes (o tetragrama) do Nome pelo qual a fidelidade e o amor maternal do Senhor eram novamente garantidos para todo o povo.

Desde antigamente, muitos judeus piedosos trazem na ponta da roupa, quatro fios de lã atados, cada um contendo uma das consoantes do Nome. Uma crença ligada à cabala crê que esses fios (*tsitsit*) recordam um número que totaliza a soma das quatro letras do Nome. Este número traria felicidade

porque simboliza a adesão ao Senhor. A soma das letras hebraicas deste nome ($I = 10 + H = 5 + V = 6 + H = 5$) é 26.

Os Evangelhos contam que, um dia, uma mulher que, havia anos, sofria de hemorragia, aproximou-se de Jesus pensando: “Se eu tocar, ao menos no seu *tsitsit* (esses fios que Jesus, como um judeu fiel, trazia sempre na ponta do manto), ficarei curada. Jesus se voltou, olhou-a e disse: ‘Coragem, filha. A tua fé (adesão) te salvou’. E no mesmo instante, a mulher ficou curada” (Mt 9, 20-22).

Hoje, cada vez mais, o mundo assiste a um novo despertar do interesse pela espiritualidade e por caminhos como a cabala e a atenção ao significado simbólico dos números. Mas, isso não pode ser um movimento egoísta, apenas para que cada um tire o melhor proveito possível de forças mais ou menos ocultas que lhe façam bem.



SOU DA PAZ
CAMPANHA DOS ESTUDANTES PELO DESARMAMENTO.

Uma verdadeira espiritualidade ajuda-nos a aprofundar a busca de uma maior harmonia conosco mesmo, com o universo e com a fonte de todo amor que as religiões chamam de Deus. O Yom Kippur nos chama a esta reconciliação conosco, com a humanidade, com o universo e com este amor divino, tão primordial e intenso que tem um caráter pessoal e nos ama com amor de Mãe.

Como seria bom que a humanidade inteira pudesse celebrar um grande "Dia do Perdão". Neste ano, a Declaração dos Direitos Humanos completa cinqüenta anos de sua proclamação.

A humanidade necessita com urgência de uma nova carta que expresse claramente os direitos não apenas dos indivíduos, mas dos povos e das culturas. Estes têm direito a uma Comissão de Investigação sobre a Dívida Externa para discernir melhor o que é justo pagar e o que não deve ser pago.

É urgente que os povos em conflito não vejam mais a guerra como solução para resolver suas diferenças. Que todos os seres humanos vivam uma reconciliação mais profunda com a natureza agredida e ameaçada. Seria um Yom Kippur universal.

Mais da metade do Brasil continua enfrentando uma seca prolongada e agravada pelas queimadas que, no Centro-Oeste e na Amazônia, destroem as últimas reservas verdes. Como facilmente a

seca e as queimadas contagiam o coração das pessoas, também no campo social e político estamos carentes de uma grande renovação espiritual.

Muita gente está desinteressada com os rumos da Política. A celebração de um Dia da Responsabilidade Pessoal e do Perdão nos ajuda a descobrir que usar irresponsavelmente os direitos da cidadania (na onda da propaganda mais forte ou para pagar favores pessoais) é um pecado contra Deus, contra o povo e contra a própria dignidade do cidadão.

A celebração judaica do Dia do Perdão, que neste ano ocorreu às vésperas das eleições, convida-nos a unificar nossa busca espiritual com a consciência da cidadania. Deus nos dá a missão de testemunharmos que o seu amor atinge o mais íntimo dos corações, e como quer transformar este mundo de modo que nele possa vigorar a justiça, a paz e a comunhão com a natureza.

Mesmo onde a tradição do Yom Kippur não diga nada, que cantemos com Milton Nascimento:

*"Quero a utopia,
quero tudo e mais,
Quero a felicidade
nos olhos de um pai.
Quero a alegria,
muita gente feliz,
Quero que a justiça
reine em meu país"*

@ *O que podemos fazer pelo perdão e pela paz, em casa e no mundo?*

Como explicar tamanha divisão entre cristãos, seguidores do mesmo Jesus e fiéis ao mesmo Deus?

Jesus não forçou ninguém

Padre Zezinho

Fazia parte do jeito de ser de Jesus a expressão "se queres". Propôs ao moço rico - se ele quisesse - uma vida mais perfeita. Também perguntou aos doze - em dúvida - se não queriam ir embora. Não consta que tenha forçado o centurião romano a se converter, nem a cananéia, nem a samaritana.

Jesus tinha próximas a Ele outras ovelhas que não eram do seu rebanho e as respeitava. A pessoa não tinha de ser do seu grupo para operar em seu nome. Foi o que disse aos discípulos, quando eles proibiram uma pessoa, que não fazia parte do grupo, de expulsar demônios em nome de Jesus.

Ele sabia respeitar a escolha alheia, dialogar, nunca foi sectário. Por isso soube falar com fariseus, escribas, mulheres de má reputação, com gente contrária e gente que era do seu povo.

Jesus não saiu ameaçando com o inferno quem não aderisse a Ele. Veio para os de boa vontade e respeitou

a escolha de gente boa que não o seguiu. Não temos provas de que Nicodemos ou José de Arimatéia tenham se tornado cristãos.

Jesus era um pregador que não impunha a fé, mas oferecia com um sereno "se queres". Quem não quisesse ou não pudesse, era amado do mesmo jeito.

Há uma diferença enorme entre Jesus e alguns pregadores modernos que chegam a ofender a quem discorda ou não ora do jeito deles: Jesus amava a todos; já esses pregadores não conseguem fazer o mesmo. Só consideram irmão quem ora como eles. Jesus era ecumênico e respeitava os outros. Eles simplesmente não conseguem fazer isso.

*Padre José Fernandes de Oliveira, mais conhecido como padre Zezinho, tem quase trinta anos de trabalho como membro da Congregação dos Padres do Sagrado Coração de Jesus. Já compôs mais de 1.500 músicas, registradas em 78 discos, em cinco línguas.

@ *Como explicar que os cristãos, seguidores de Jesus, estejam tão divididos?*

@ *Temos alguma experiência de participação em celebrações ecumênicas?*

@ *Conhecemos algum trabalho social em que estejam juntos, de braços dados, católicos e protestantes, evangélicos e pentecostais?*

@ *Podemos tomar alguma iniciativa ecumônica diante do escândalo da divisão?*

Apesar das mudanças estruturais nas economias emergentes, impostas pelo processo de globalização, a dívida externa continua sendo a mais grave ameaça para o desenvolvimento e a autonomia dos países em vias de desenvolvimento.

Dívida externa e solidariedade

Carlos Garcia Andrade

As economias dos países do Terceiro Mundo continuam procurando se adaptar ao processo de globalização mundial, mas a dívida externa internacional, sua maior inimiga, continua crescendo. Em 1980, a cifra era de 616 bilhões de dólares; em 1993 subiu para US\$ 1,6 trilhões e no ano passado ultrapassou a casa dos 2 trilhões (US\$ 2 trilhões e 177 bilhões); um aumento mais que significativo.

Grande parte desse aumento da dívida pode ser atribuído certamente, à inclusão dos países do Leste Europeu na lista dos "beneficiados" pelos credores do Primeiro Mundo, desde 1992. Para os países ex-comunistas os empréstimos

foram facilitados por razões políticas: o medo do retorno do comunismo. Outro fator importante para o crescimento da dívida foi o aumento das "ajudas" extraordinárias às nações asiáticas.

Seja como for, o aumento da dívida consolida a situação de dependência dos países do Terceiro Mundo em relação aos países ricos. Num primeiro momento o empréstimo pode parecer um incentivo ao progresso, mas depois ele representa uma carga excessivamente pesada para as economias mais frágeis, uma verdadeira prisão; o pagamento dos juros anuais sufoca as economias mais fracas, põe em perigo as jovens democracias e impõe um grande

A fantástica dívida externa do Brasil e dos países da América Latina consome em juros altíssimos toda a capacidade de governos investirem na solução dos graves problemas sociais deste continente.

sofrimento aos pobres, sobre os quais recaem as maiores consequências dos ajustes econômicos. A Nicarágua tem uma dívida de US\$ 9,287 bilhões, o que representa 589,7% do Produto Interno Bruto (PIB) e 1.272,7% de suas exportações. Quais as chances que um país nessas condições tem de liquidar sua dívida? Os juros da dívida se transformaram em um mecanismo contraproducente que bloqueia o desenvolvimento e acentua o subdesenvolvimento. Para cumprir os prazos da dívida ou para manter o nível



Santo Domingo (IV Assembléia do Celam, 1992) afirma com força: "Perguntamo-nos por sua validade (da dívida) quando a sobrevivência dos povos corre sério perigo, quando a população não foi consultada, antes de contrair a dívida, e quando o empréstimo foi usado para fins nem sempre lícitos". E, em 1991, João Paulo II afirmava na Encíclica *Centesimus Annus* que "não é lícito, porém, pedir ou pretender um pagamento quando esse levaria, de fato, a impor opções políticas tais que condenariam à fome e ao desespero populações inteiras (...). Nestes casos, é necessário (...) encontrar modalidades para mitigar, reescalonar ou até cancelar a dívida".

Complexidade do problema

Não se pode, no entanto, "demonizar" os empréstimos internacionais ou buscar formas simplistas para resolver o problema. Antes de mais nada, porque as necessárias e imprescindíveis soluções éticas devem acontecer a partir de dentro do próprio dinamismo econômico, contando com uma legislação internacional que funcione. Por exemplo, se a situação financeira e as possibilidades futuras de um país endividado são medidas a partir da liquidez (disponibilidade de capitais para cumprir os prazos do empréstimo), da solvência (capacidade de reajustar a médio e longo prazo a própria economia em dificuldade) e da credibilidade internacional (confiança de que usufruem suas lideranças políticas), então a anistia da

dívida de um país em vias de desenvolvimento pode ser uma solução ilusória. Ele corre o risco de perder a credibilidade em nível internacional, passando à categoria dos países que dependem da permanente assistência externa, com um vínculo de total dependência econômica e política.

Por outro lado existem exemplos de nações, como a Coréia, que se endividou fortemente na década de oitenta, porém investiu em infraestrutura e meios de produção, gerando uma economia moderna e competitiva: em 10 anos ela pôde pagar a sua dívida. A atual crise da bolsa pode levar a pensar que a Coréia é um gigante "com pés de barro", porém a injeção de bilhões de dólares que o país recebeu para superar sua crise indica o quanto a sua economia está inserida no sistema econômico mundial.

Os empréstimos para o Terceiro Mundo são diversificados e têm efeitos diferentes sobre a dívida de cada país. Parte desses capitais provêm de bancos privados (administrados pelo *Clube de Londres*), de contribuições públicas bilaterais (administradas pelo *Clube de Paris*,

Os empréstimos externos surgem como um incentivo ao progresso, mas depois se tornam uma verdadeira prisão para economias frágeis

onde se reúnem os países credores), das contribuições multilaterais provenientes da "ajuda pública para o desenvolvimento" (doações ou empréstimos sem juros) e dos créditos para a exportação, administrados pelo Banco Mundial e pelo Fundo Monetário Internacional (FMI). Outros empréstimos são provenientes dos capitais privados (investimento direto mediante empresas filiais instaladas nos países pobres; não geram dívidas, porém fazem perder os lucros).

Nos últimos tempos, as contribuições das Organizações Não-Governamentais (ONGs) também representam algum fluxo financeiro. De 1991 a 1995 os fluxos duplicaram nesse setor, porém o maior aumento foi o fluxo dos capitais privados (US\$ 51 bilhões em 1991, a US\$ 171 bilhões anualmente) orientando-se essencialmente para os países economicamente emergentes (da Ásia, por exemplo), enquanto que os países pobres quase só recebem dividendos públicos.

Particularidade de cada país

Por outro lado, cada país tem a sua própria história em relação à dívida, tanto nas suas causas quanto nos seus efeitos. Se as causas da situação de cada país não forem identificadas e se não forem definidas propostas claras para a mudança de rota de sua economia, as possíveis soluções podem resultar ineficazes, sobretudo se a dívida externa se acrescentarem desordens internas e uma administração ineficaz ou corrupta.

Existem outros tipos de mecanismos que, ajustando-se ao frágil equilíbrio do mundo econômico - no qual tudo parece girar ao redor da credibilidade -, podem ser menos prejudiciais que um simples perdão da dívida, que é, em prática, uma declaração pública de falência.

Adiar o pagamento dos juros anuais, reduzir as taxas de juros em vigor e aumentar o prazo para o pagamento da dívida principal, podem ser caminhos mais eficazes para uma significativa redução ou liquidação parcial ou total da dívida. Podem ser também criadas "redes de garantia" como medidas de proteção para assegurar que o custo dos ajustes estruturais não peses sobre as populações mais pobres. Outra proposta que teve uma grande aprovação é a conversão da dívida num programa de desenvolvimento, confiado, por exemplo, às ONGs. É uma maneira ética de ajudar, socialmente aceitável.

Quando se trata de sustentar um regime político, de favorecer a transição de uma economia ou de evitar a quebra financeira e social de um país, os empréstimos são feitos em condições especiais, como aconteceu recentemente em relação ao México, à Rússia, à Polônia e à Coréia. Também para os países menos desenvolvidos, o G7, na sua reunião de Lyon de 1996, instituiu disposições especiais de ajuste, e o *Grupo de Paris* está disposto a fazer concessões maiores (até 80% em certos casos). O Banco Mundial criou um fundo particular para estes casos e o FMI reforçou a capacidade financeira dos "Dispositivos de Ajuste Estrutural Reforçado".

Justiça e Solidariedade

De qualquer forma, soluções eficazes para a dívida externa exigem imaginação e criatividade no sentido de criar mecanismos de justiça e solidariedade. Para não se tornar empreendimentos inúteis, essas soluções deveriam ajudar os países endividados a ser protagonistas ativos do próprio desenvolvimento econômico.

O risco maior é que, com a crescente globalização econômica, alguns países fiquem à margem do mercado, à mercê de sua própria sorte. Isto não é admissível. Como não se pode aceitar também que a dívida seja usada como instrumento de controle político em relação aos países mais pobres. Impor determinadas condições para outorgar os empréstimos é um abuso de poder dos países credores e, ainda mais, quando se defendem interesses políticos com a desculpa da prudência econômica. Isso não quer dizer que a definição de regras não seja necessária. Elas devem, porém, ser adaptadas e negociadas, inclusive com a ajuda de um terceiro país que sirva de árbitro. Talvez seja almejável a instituição de um Código de Conduta Internacional para regular as etapas,

modalidades e condições para a redução da dívida.

Por outro lado, os empréstimos - e sobretudo os que se destinam ao desenvolvimento interno - deveriam ser administrados com competência e com a máxima transparência, para evitar corrupção, desvios e aplicações duvidosas.

Os capitais privados podem se tornar uma grande ajuda, quando provenientes de empresas produtoras de bens e serviços que geram trabalho. Não se pode pretender que se façam investimentos se não houver benefícios, porém o destino social dos bens não pode ser deixado de lado. Nesse sentido o governo deve tomar atitudes mais enérgicas para evitar a fuga de capitais, não somente através da corrupção, mas, sobretudo, através da prática de se investir em outro país o lucro obtido em uma nação subdesenvolvida.

É muito provável que a interdependência gerada pela globalização seja o caminho para erradicar a pobreza. Portanto, a globalização em si não é negativa, mas precisa urgentemente de um suplemento e de uma alma: a solidariedade internacional.

Extraído de "Cidade Nova", Jul/98



Palavras de esperança.

"A salvação virá provavelmente das jovens Igrejas do Terceiro Mundo. No ano 2020, 70% dos católicos estarão no Terceiro Mundo. Isto significa que mais de metade dos católicos estará fora das grandes culturas de origem européia. Será possível dizer que a Igreja católica será uma Igreja de Terceiro Mundo, com raízes históricas no Primeiro Mundo." (Leonardo Boff)

Crise financeira mundial faz bancos quebrarem em muitos países



Comer demais também acaba quebrando bancos... além de fazer mal à saúde.
Modere-se...

Leia e assine, dê de presente uma assinatura de

fato
e razão

Pesquisas recentes demonstram que o amor natural pode ser considerado um salto na evolução e está relacionado com o desenvolvimento do córtex cerebral.

Córtex cerebral, amor e equilíbrio

Iván Isquierdo

Através da análise sistemática do comportamento das pessoas ao longo de anos, psicólogos norte-americanos verificaram que o equilíbrio emocional - aquele que permite, por exemplo, que uma criança de cinco anos aprenda a protelar uma recompensa para poder conseguir um benefício maior - é mais importante do que a inteligência como determinante do sucesso na vida adulta. Nos Estados Unidos, muitas grandes empresas já utilizam o "QE" (Quociente Emocional) em vez do famigerado "QI" (Quociente Intelectual) como medida para a escolha do pessoal de escalão superior. De nada vale, para um candidato a gerente, ser inteligente e saber computação, se é estourado ou é um assediador sexual.

O interessante é que o equilíbrio emocional não é inato: aprende-se, e não necessariamente em

colégios caros. Qualquer criança pode aprender em casa ou com seus coetâneos a não se atirar no chão, aos berros, para obter determinado brinquedo; a compreender a vantagem de uma espera um pouco mais longa, ou do sacrifício momentâneo de uma coisa para conseguir outra; a entender que a satisfação instantânea dos desejos nem sempre é o melhor, quase nunca é importante, e muitas vezes é contraproducente.

Equilíbrio emocional não significa "sangue de barata", e muitas vezes chega a ser justamente o contrário: quer dizer sentir as emoções e seus estímulos, porém mantendo um grau de controle sobre a resposta. A criança que resiste a uma bala para ganhar uma recompensa maior, gosta da bala tanto quanto qualquer outra; aprendeu, no entanto, a não avançar aos tapas e aos gritos para conseguila, e

A dimensão do amor não se manifesta nos animais inferiores que não possuem córtex cerebral. Mas o gorila, com um cóortex mais desenvolvido, tem um certo grau de altruísmo.



entendeu que existem coisas mais importantes do que a bala. "Sangue de barata", ausência de reação às emoções, só têm, comprovadamente, os psicopatas e os que matam em série: quando se lhes apresenta a fotografia de uma de suas vítimas, não sofrem nenhuma alteração na freqüência cardíaca.

As emoções dependem dos afetos e dos sentimentos. O segundo grande "achado" recente da ciência é, justamente, o papel dos afetos e sentimentos na vida cognitiva do sujeito; na memória, por exemplo, e em tudo o que dela depende, e que não é pouco: nossa memória é o que nos permite comparar, pensar, falar, caminhar, viver; em suma, ser quem somos. A memória é a fonte da nossa

individualidade e do nosso viver em comunidade. Eu sou quem sou porque me lembro quem sou, me lembro das pessoas, dos fatos e das coisas de minha vida. O Japão é o Japão, a Espanha é a Espanha, porque lembram de sua história e de seu passado coletivo. Daí a tristeza terminal e infinita das pessoas que padecem de "mal de Alzheimer" e não sabem mais quem são; ou dos países que se esquecem de sua própria história.

Evocamos com mais facilidade memórias que se vinculam com o mundo de nossos afetos e sentimentos. Não lembramos, ou lembramos mal, as coisas afetivamente insignificantes. Todos aprendemos cedo como é gostoso o colo

da mãe e lembramos disso pelo resto da vida. Nenhum de nós lembra de um cartaz visto numa esquina que afetivamente não nos diz nada, ou daquele comercial "xarope" que vimos na televisão há dez minutos. Lembramos para sempre dos olhos da nossa primeira namorada; esquecemos para sempre o valor do salário de agosto de 93.

Dos afetos e sentimentos, o mais importante é o amor. É graças ao amor que podemos chegar a adquirir aquele equilíbrio emocional que mencionamos acima; sem ele não há equilíbrio possível. Os psicopatas, por exemplo, não conseguem aprender o que é o amor. Matam porque tanto faz.

O amor tem muitas faces. Uma delas é o carinho, a expressão do amor na qual nós, latinos, somos especialistas; mas não é a mais importante: os suecos e os ingleses amam tanto quanto nós mas se exprimem de forma diferente. O amor de que alguém sente pode ser expresso de muitos modos. No filme *Shadowlands*, por exemplo, existe um momento em que Anthony Hopkins descarrega seu amor em pranto. A saudade da pessoa ou do objeto amado é outra face do amor, assim como desejar o bem de alguém, a ponto de estar disposto a sacrificar algo por ela, até a vida, se necessário.

O amor envolve, também, o controle da agressividade em relação à pessoa amada; ninguém bate no filho como bateria num inimigo. O conjunto de pensamentos e atitudes que muitos denominam *civilidade* ou *educação* é também uma expressão do amor: se gostamos de

O equilíbrio emocional é mais importante que o quociente intelectual

morar onde moramos (ou simplesmente gostamos de morar em algum lugar e não temos outro melhor aonde ir), não vamos brigar com os vizinhos; vamos, pelo contrário, tentar ser amáveis com eles. A mesma coisa no trânsito: se quisermos chegar vivos em casa para ver a pessoa amada, tentaremos ser amáveis com os demais motoristas e não arriscar acidentes imprevisíveis com eles. Aliás, a palavra "amável", que define civilidade e educação, vem da palavra "amor". "Ama o próximo como a ti mesmo", pedia Jesus.

Segundo estudos recentes, aquilo que chamamos de *amor* (no sentido natural) aparece como um salto evolutivo. Essa dimensão não existe nos animais inferiores que não possuem córtex cerebral. As aranhas e os répteis abandonam ou até devoram seus filhotes; uma das primeiras coisas que filhote de cobra tem que aprender na vida é a fugir da mãe. Já a rata, que possui um córtex rudimentar, protege seus filhotes com carinho e só os come quando está com muita fome ou percebe que eles estão doentes. A cadela, com um córtex bem mais desenvolvido, já é uma mãe exemplar e, além disto, é capaz de amar outros animais ou pessoas. Os golfinhos e os primatas, cujo córtex é ainda maior, têm certo grau de altruísmo: são capazes de se sacrificar por outros de sua espécie. O homem é capaz de amar até o limite do de-

sespero, até deixar-se morrer pela pessoa, pela comunidade ou pelas idéias que ele ama. A característica principal dos seres humanos é, justamente, a capacidade de amar; é o amor nas suas múltiplas e variadas facetas, que vão do carinho à saudade; da saudade à educação, ao altruísmo e à poesia.

O interessante de tudo isto é que os aspectos básicos da cognição, a capacidade de gravar e lembrar informação, existem em todos esses animais. Ratos, lagartos, gorilas e homens têm recordações e as utilizam através de processos neuronais semelhantes. É claro que o homem, além de ter mais memória, possui um processo de elaboração mais complexo do que um gorila e este, por sua vez, do que um lagarto. Mas os processos básicos são os mesmos, e neles intervêm, em boa medida, as regiões

do cérebro que estão envolvidas pelo córtex.

Os afetos e sentimentos mais complexos, como o amor, aparecem na escala zoológica junto com o córtex, e se desenvolvem e atingem maior complexidade e perfeição na medida do desenvolvimento do córtex. Portanto o amor, sem o qual não há equilíbrio emocional, depende do córtex cerebral. O equilíbrio emocional é mais importante do que o Quociente Intelectual. Tiremos a inteligência de um ser humano, e teremos um ser humano irracional. Tiremos o amor, e não teremos mais um ser humano, teremos algo parecido com um réptil.

Iván Izquierdo é professor titular do Departamento de Bioquímica da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Obteve o primeiro lugar na pesquisa realizada pela "Folha de S. Paulo" sobre os cientistas brasileiros mais citados no exterior. Extraído de "Cidade Nova".

@ Que novidades nos trazem as reflexões do autor deste artigo?
@ o que tem esse estudo com a vivência do amor homem-mulher, de pais-e-filhos, de todas as expressões de amor humano?



O Congresso Nacional trabalha. A Lei 9612 tira da clandestinidade duas mil emissoras de rádio comunitárias e outras duas ou três mil já estão entrando no ar. A rádio comunitária pode ser criada e operar com até 25 watts de potência, desde que garanta a participação da comunidade, cujos representantes passam a constituir o Conselho Comunitário Fiscalizador, na área de alcance da emissora. Esse Conselho deverá ter pelo menos cinco membros representativos de entidades comunitárias, tais como associações de moradores, organizações educativas, religiosas e outras, escolhidas pela própria comunidade. Não poderá ser usada para fins políticos partidários, nem para o proselitismo religioso ou ideológico. Procure informar-se, tome coragem e lidere a criação de uma rádio comunitária em sua cidade.

Conselho médico. Uma gripe bem cuidada, com medicação adequada e muita vitamina se cura em sete dias. Sem esses cuidados ela vai durar uma semana...

Escola viva, criadora e descobridora de talentos ou escola castradora de ideais?

O conteúdo do conteúdo

(Um recado para minha filha número cinco)

A vida compartilhada com meus filhos, tem sido para mim um permanente aprendizado. Filhos, principalmente pequenos, são fontes de sabedoria. Cada um com suas características, suas maravilhas, suas vocações e também suas dificuldades e imperfeições.

Aprendi a amar e compreender cada um dentro de suas realidades e isto é seguramente importante nesta aventura de ser pai. Hoje dedico estas linhas a minha querida Ione. Gosto de chamá-la de minha filha número cinco. De uma beleza inconfundível, que está estampada na sua doçura, incapaz de um gesto agressivo e sempre disponível para um carinho extra. A sua vocação maior se direciona para as artes. Tem um gosto especial para dança e comunica sua sensibilidade, quando está envolvida por qualquer ritmo. Bem, chega de falar de minha filha e vamos falar do motivo principal desta narrativa.

Recentemente fui convidado pela coordenação do colégio para um diálogo

de alerta sobre as condições dos alunos que estão com dificuldade de aprovação. O problema para o colégio está centrado nas notas para que o aluno mude de série. Fui muito bem recebido, como sempre, por pessoas atenciosas, com muita abertura e sensibilidade para entender os problemas dos alunos e também ouvir o lamento dos pais. A conversa que tivemos me deixou algumas reflexões, que passo a expor:

Qual a regra estabelecida, que norteia a formação do aluno? Sem dúvida é a regra cruel do vestibular e da competição. Os pais pagam ao colégio para que seja oferecido um conteúdo que permita, no futuro, a aprovação do filho para uma faculdade. O conteúdo deve ser aquele que permita ao aluno capaz de guardar coisas (muitas vezes sem nenhum valor) devolvê-las aos iluminados professores que elaboram as questões mais irrespondíveis que se possa imaginar, quando chega o dia fatal da prestação de contas (o vestibular). É impressionante a quantidade de coisas

sem nenhuma utilidade que submetemos às cabeças dos nossos filhos. Para alguns isto não constitui problema, para outros isto vira um pesadelo. Fico observando você, Ione, debruçada sobre as questões de matemática, tão complexas e confusas e também sem nenhuma utilidade prática. Não sei o que fazer, já que a regra estabelecida não pode ser mudada. Não posso culpar o colégio, pois sei que estas regras não foram estabelecidas por ele. Também não posso deixar de demonstrar a minha revolta com esta estranha desarticulação entre o que é útil e necessário e o que é desprezível.

A minha outra observação se centra numa pergunta: o que fazer com a sua vocação e como reagir para não tolher a sua criatividade? Seguramente você nunca vai aprender totalmente a matemática que estou querendo lhe ensinar, mas você tem possibilidades e potencialidades que precisam ser descobertas e incentivadas. Será que Luiz Gonzaga para compor Asa Branca precisou compreender o Teorema

de Pitágoras? Já pensou quantos talentos são tolhidos, quando não percebemos as inclinações e aptidões individuais? Como pai sou responsável por isto, mas acho que o colégio também poderia atuar neste processo de facilitação. De toda a matemática que aprendi, hoje preciso apenas usar as quatro operações, quando faltam pilhas em minha máquina de calcular. O que não me impede de ser médico e com certeza cumprir o meu papel diante da sociedade que um dia investiu na minha formação (sempre estudei em escolas públicas).

Minha filha, a você que tem uma sensibilidade que foi suficiente para mover o coração apaixonado de seu pai a escrever tantas besteiras, dedico estas linhas, na esperança de um dia enxergar no ensino brasileiro uma atitude nova de ser mais descobridor de potencialidades do que castrador de ideias.

Marco Motta
(Abril/98)



Frases ferinas...

"A política é a arte de engolir sapos de manhã e vomitar borboletas à tarde..."
(Lomanto Junior, político).

"Sempre proibi economistas de entrarem no meu banco. Deveriam dedicar-se a vender cachorro-quente". (Gastão Vidigal, banqueiro).

"A profissão mais antiga no mundo é a de economista, porque antes de Deus entrar em cena como arquiteto da Criação, o que havia era o caos... o que supõe a atuação anterior de economistas". (Autor desconhecido).

"Em río de piranha, jacaré nada de costas". (Ibrahim Sued, colunista social, esclarecendo como conseguia se mover no mundo minado da alta sociedade).

"Ser livre é tomar consciência dos limites e correntes que tenho e não me deter por causa deles. Mesmo com esses obstáculos, ponho-me em marcha e saio ao ar livre. Mesmo se posso cair, estou decidido a retomar o caminho e prosseguir"

(Irmão Roger Schutz, prior da comunidade de Taizé).

Convite para descobrir a luz da madrugada

Marcelo Barros
Monge beneditino, escritor

Conheço pessoas que até mesmo antes de lutar já sentem na boca o gosto amargo do fracasso. Outras, quanto mais são provadas e sofrem, mais se sentem estimuladas a tentar novamente. Recomeçam com tanta coragem e confiança que o que parece impossível se torna possível.

A história antiga conta um fato exemplar sobre Pirro. Esse rei do Epiro, primo de Alexandre Magno, realizou uma expedição militar contra os romanos.

Graças ao fator-surpresa e à sua vanguarda, toda composta de elefantes, conseguiu derrotar o exército romano em duas batalhas: Heracléia e Ásculo.

Mas, sofreu tantas baixas que quando os seus generais foram felicitá-

lo, ele respondeu: "Mais uma vitória como esta e eu estarei perdido".

Esse episódio tornou-se, de tal modo, símbolo de certas vitórias, militares ou políticas, conquistadas a preço de vidas humanas ou de ouro, que se tornou famosa a expressão: "foi uma vitória de Pirro". Podemos dizer que toda vitória fácil ou obtida graças a privilégios ou desigualdades sociais pode parecer real, mas é apenas uma "vitória de Pirro"... A história do mundo está cheia de impérios e ditaduras que alcançaram vitórias importantes e depois ruíram como um castelo de cartas ou, como diz o Evangelho, uma casa construída sobre a areia.

Da minha janela, vejo os primeiros raios do sol começando a

despertar a natureza, revigorada pelas primeiras chuvas. O cheiro da terra molhada é anúncio de que o verde começa novamente a brotar, e daqui a pouco, a revoada dos primeiros pássaros da manhã espantarão os fantasmas dessa noite quente e pesada.

Penso em tantos irmãos e irmãs, peregrinos da vida, com os ouvidos e olhos do coração buscando quaisquer pequenos sinais de esperança e de luz neste momento ainda escuro do dia. Gostaria de acolhê-los no aconchego desse pequeno aposento e acalentá-los com todo o meu amor. Cochicharia ao coração de cada um (uma) que toda e qualquer noite, por mais escura que seja, é grávida da madrugada e mesmo o túnel mais longo conduz à luz e à liberdade.

Quem aprende a ler a história sob o prisma de Deus, nunca perde a esperança.

Mesmo se se sente impotente diante da máquina do poder econômico, acabará descobrindo que, de vitória em vitória, os soberbos deste mundo caminham para a derrota, enquanto, ao contrário, os pequeninos, de derrota em derrota e de decepção em decepção, caminham para a vitória na qual o Senhor fará brilhar a sua justiça.

Se eu pudesse, reuniria os irmãos e irmãs que, como dizia Jesus,

"vivem abandonados pelos poderosos, como ovelhas sem pastor". Revelaria a eles e elas que todos nós ganhamos gratuitamente uma eleição. Sem depender do poder do dinheiro, fomos eleitos cidadãos do Reino de Deus, membros da família dos santos e herdeiros da paz e da plenitude de vida, em comunhão com o universo. Essa prerrogativa ainda não está vigorando plenamente, mas já é garantida: Deus não é caloteiro, nem faz política prometendo o que depois não cumprirá.

Enquanto nos preparamos para a posse dessa realidade nova, poderíamos ouvir juntos uma releitura das palavras do profeta Jeremias aos exilados da Babilônia: "Mesmo se a seca queimou a terra e vocês estão sem o fruto, preparem novamente o terreno, plantem as poucas sementes que restaram e a lavoura vai florescer".

O dia já está nascendo e a primavera chegará. Com a idade, a gente vai aprendendo a conviver com as dificuldades e a marchar ao encontro do que Deus reserva para nós e para todos os seus filhos e filhas. O seu amor divino presente em meu coração será para todos um inesgotável rio de ternura, uma vacina contra a amargura e o tédio.

"Quem quiser, venha de graça beber da água da vida" (Ap 22, 17).

@ Há alguém desanimado com os rumos do nosso país e do mundo? Ou prevalece a esperança? Há motivos para desânimos e esperanças? Quais?

@ Em que direção aponta a fé dos cristãos?

@ Até que ponto depende de cada um de nós a mudança de rumos ou correção de caminhos? O que estamos fazendo? O que não estamos fazendo?

"Acolher e preparar as famílias na forma real e concreta como se apresentam"

Cleuza Cyrino Penha
MFC- Paranavaí, PR

É necessário o MFC trabalhar essa idéia. O sonho da família ideal ficou um tanto distante, lá no patriarcado. Agora, como cristãos conscientes de nossa missão de batizados, urge acolher a família real, com seus problemas, amores e desamores.

Minha afirmativa tem base em Lc 15, na parábola do filho pródigo: nem o Evangelho esconde a realidade da família, aquela em que o filho mais novo se arroga o direito de esbanjar a sua parte do patrimônio familiar.

Nenhuma família pode dizer: "Aqui não temos problemas", é o que ensina um provérbio chinês.

Focalizando a família do ano 2000, suponho que o esse patrimônio passará a ser o *conhecimento*, que vai superar o *ter*. Onde estiver o conhecimento estará o poder. O produto mais vendido hoje está na cabeça, é o talento. O maior capital é o intelectual.

Os profetas acertaram: "Um ramo brotará do tronco de Jessé (Maria) e sobre ele repousará o espírito de Sabedoria, Inteligência e Co-

nhecimento (dons do Espírito Santo). S.João Bosco afirmava: no final do milênio vai valer o Espírito. Mas o espírito de Família está sendo negligenciado. Revalorizá-lo é nosso dever cristão. Resgatá-lo será a nossa alegria.

A família real e concreta há anos corre atrás do *ter*, em sua volúpia de *poder*. Mas deveria inverter esses objetivos: onde está o conhecimento é que está o poder. Nessa corrida desenfreada vai-se esfaleando a família: o afeto, o romantismo, a paciência, o perdão, a bondade. Então o amor vira fel.

Na Fato e Razão 34 (p.12 a 23), cristãos conscientes versam sobre sexo e moral, tentando dizer-nos que nos esquecemos que somos humanos, de carne e osso, carentes de carícias e palavras incentivadoras. Carentes de amor para irradiar e repartir amor. Porque ninguém dá o que não tem. Lemos, então (p.21): "A sexualidade humana deve permanecer como um canal aberto para expressar a atenção ao outro e o interesse pela sua felicidade". E mais:

"A relação sexual sem amor não é humana". Parabéns, Fato e Razão!

Na família brasileira real e concreta, correndo e inventando coisas para o terceiro milênio, não está havendo festas para passar o amor. Rezar, falta tempo, como se não fosse alimento para o espírito. A família não está valorizando o mais importante para Deus: as pessoas.

Muitos casais lideram movimentos de Igreja mas são amargos, grotescos, revoltados, impacientes, não compreensivos, desajustados. Falta-lhes a seiva da cama, do toque, da carícia, do aconchego verdadeiro, com que deveriam celebrar o sacramento do matrimônio. Não são felizes, não têm mais ardor e novas expressões. São apóstolos mas não discípulos.

Do desamor fingido brotam as raízes profundas das fugas e revoltas que escravizam os filhos, anjos caídos na lama desse desamor.

Adélia Prado soube dizer: "Eu tenho pra mim, depois que a gente tem filho, só existe uma tarefa pra fazer: cuidar deles. O que está mais perto do amor de pai e de mãe é o



ódio de pai e mãe. Que graça tem o boteco prosperar se não tem alegria dentro de minha casa? Segue o fio da amargura pra ver onde vai dar: esbarra no pai e na mãe. Não estou falando que bondade de pai e de mãe acaba com o sofrimento das pessoas. Não. Seria muito analfabetismo de minha parte. Sofrimento é destino de todos porque somos filhos de Adão. Eu só quero dizer que se à gente se esforçar pra ser pai e mãe com decência, parar de pensar a gente, pra se incomodar mais com estes que pusemos no mundo, eles vão dar conta de sofrer sem perder a esperança" (Adélia Prado, escritora mineira).



Colombo processado! Os indígenas de Honduras estão movendo um processo contra Cristóvão Colombo. De acordo com a revista "La Vie" ele é acusado de ter comandado uma operação que causou "invasão de terras, seqüestro de populações indefesas, especialmente mulheres e crianças, roubo, violações sexuais, comércio de escravos e genocídio"... Os grupos indígenas apelam a organizações internacionais e argumentam que setenta milhões de pessoas foram mortas em consequência da conquista. Na época, as maiores cidades da Espanha chegavam a ter 30 mil habitantes, como Toledo. Mas só em Teotitlan, capital dos "mexicas", com água encanada, estradas e medicina gratuita, viviam 300 mil pessoas.

O diário do arcebispo mártir de San Salvador, assassinado há 18 anos, revela a profunda espiritualidade que orientou sua atuação em defesa da justiça.

Romero de Deus e do Povo

Costanzo Donegana

No dia 24 de março de 1980 dom Oscar Romero, arcebispo de San Salvador (capital de El Salvador, na América Central), foi morto pelos que queriam silenciar sua voz profética em defesa das vítimas da repressão oficial e da violência dos movimentos revolucionários. Logo depois, o povo salvadorenho e muitas vozes do mundo inteiro se levantaram para pedir que a Igreja o declarasse santo. Em novembro do ano passado encerrou-se na diocese de San Salvador a primeira etapa do processo de beatificação, que agora deve continuar em Roma.

Nos últimos dois anos de sua vida, dom Romero fazia um diário. Todas as noites falava num gravador, lembrando e comentando os fatos principais do dia. É uma fonte única, necessária sobretudo para conhecer o lado mais profundo e íntimo de sua personalidade. Ele aparece diferente

daquela sua imagem pintada por direitas e esquerdas políticas e eclesiás.

Instrumento de Deus

"Rezo ao Espírito Santo para que me faça caminhar nas estradas da verdade e me mantenha sempre guiado unicamente por Nosso Senhor; jamais pelos elogios, nem pelo temor de ofender" (13/03/80). Essas palavras, pronunciadas 10 dias antes da sua morte, resumiam o seu programa de vida. Respondendo a alguns jornalistas que elogiavam uma homilia que ele fizera na catedral, afirmou: "Eu sei apenas que a graça do Espírito Santo guia sua Igreja e torna fecunda sua palavra. A isso eu credito o sucesso que vocês atribuem à minha homilia. Todo o meu trabalho pastoral é feito com esse espírito. Confio no Espírito Santo e procuro ser seu instrumento, amando e servindo

sinceramente o povo, a partir do Evangelho" (27/11/79).

Esse amor colocou literalmente no meio do povo: "A maioria das pessoas que vieram às audiências de hoje era muito pobre. Muitas dessas pessoas estavam angustiadas por causa das situações de injustiça, algumas eram mães de desaparecidos. Procurei lhes dizer palavras de conforto, ou dar-lhes indicações que as ajudassem a enfrentar as dificuldades" (19/09/79). "(...) O arcebispo está se tornando cada vez mais o centro ao qual acorrem pessoas que vêm para uma visita, para pedir conselhos ou para fazer reuniões. Nota-se uma grande vitalidade e agradeço a Deus por isso" (20/02/80).

Amigo do povo

O povo retribui com carinho e fé o amor do arcebispo. Logo depois de voltar da Conferência de Puebla, dom Romero reza uma missa na catedral. O povo interrompeu várias vezes minha homilia com carinhosos aplausos. Terminada a missa, cumprimentei os sacerdotes presentes e saí, acompanhado pelas aclamações do povo, para saudar os que tinham ficado do lado de fora da Igreja. Foi um momento carinhoso. (...) Tive a sensação de estar numa família" (16/02/79).

O relacionamento de dom Romero com seus sacerdotes é ainda mais profundo. Ele os acompanha pessoalmente desde o tempo do seminário, dedica-lhes grande parte de seu tempo, reúne-os para momentos de oração e de confraternização e os consulta continuamente à



Dom Oscar Romero não é um herói solitário, mas um pastor, um homem de comunhão: a criança é para ele a imagem da esperança.

procura de ajuda para enfrentar a difícil situação do país e da arquidiocese. Oscar Romero não é um herói solitário, mas um pastor, um homem de comunhão. "Fui visitar o grupo de sacerdotes que está fazendo o retiro espiritual no seminário. Falamos da situação atual do país e do papel da Igreja, dos diferentes aspectos e das diferentes opiniões que existem no próprio clero e entre os cristãos. Insisti sobre o fato que nossa perspectiva deve ser totalmente pastoral, sem, evidentemente, ignorar os problemas políticos, que devemos iluminar. Mas gostei mais da segunda parte, quando falamos dos aspectos humanos de nossos relacionamentos como presbíteros. Há boa vontade (...) Agradeci-lhes por terem posto em luz minhas deficiências, que podem ser um obstáculo para esses relacionamentos". (14/11/79)..

"Hoje de manhã fizemos a reunião do senado presbiteral. (...) Mergulhamos totalmente na análise da situação política do país. Nessa reflexão cheia de realismo, tive muito prazer em ver a maturidade de meus sacerdotes. Apesar da diversidade de seus critérios políticos, há uma única visão pastoral. Percebi um notável crescimento do sentido de Igreja. Pedi-lhes que continuem a me dar seus conselhos, de modo que, neste mar tempestuoso da política da pátria, nossa Igreja seja guiada por critérios evangélicos e pastorais" (14/01/80).

Homem da Unidade

Dom Romero arriscou tudo pela unidade. Depois de um encontro com uma das paróquias da diocese,

comentou: "Convidamos todos a compreender qual é a verdadeira missão e a verdadeira figura da Igreja. Partindo dessa verdade, discutimos sobre a divisão existente entre os fiéis da paróquia. Houve intervenções muito diretas dos setores tradicionais e dos mais avançados, que trabalham na pastoral no modo desejado pela arquidiocese. Todas as contribuições foram muito úteis. Recomendei várias vezes a unidade, o sentido transcendental do trabalho eclesial e o estudo atento sobre o que é a Igreja, para embasar o trabalho pastoral no objetivo de construir a verdadeira Igreja de Jesus Cristo" (23/04/79).

Este amor pela unidade da Igreja e do povo é o principal motivo do seu sofrimento, principalmente quando ele é incompreendido e acusado de ser fonte de divisão, inclusive entre os bispos. Na Conferência Episcopal de El Salvador dom Romero se encontra sempre em minoria, apoiado apenas por dom Arturo Rivera y Damas (que o sucederá).

Ele enfrenta a situação com fé, espírito de comunhão e firmeza: "Também dom Rivera me fez a grata surpresa de vir encontrar-me. Conversamos sobre o documento

"Tentei explicar, sem resultado, que a perseguição aos sacerdotes se devia à sua fidelidade ao espírito do Concílio Vaticano II".

secreto de denúncia dos quatro bispos contra mim, no qual sou acusado diante da Santa Sé de coisas contrárias à fé, de politização, de fazer pastoral com bases teológicas falsas e de um conjunto de outras coisas que põem em cheque meu ministério episcopal. Apesar da gravidade do fato, senti uma grande paz. Reconheço diante de Deus minhas deficiências, mas acredito que trabalhei com boa vontade e bem longe das coisas graves das quais sou acusado. Deus dirá a última palavra e espero tranquilo, continuando a trabalhar com o entusiasmo de sempre. Sirvo com amor a Santa Igreja" (18/05/79).

"A reunião dos bispos na nunciatura confirmou a divisão que existe entre nós. Só houve acordo em relação à necessidade de fazer uma denúncia oficial pelo assassinato do padre Macias (...). Quando se tratou de analisar as causas (do crime), a reunião se deixou arrastar pela suspeita de uma infiltração marxista na Igreja. Não obstante todos os meus esforços, não foi possível afastar esses preconceitos. Esforcei-me para explicar que a perseguição infligida aos sacerdotes deve-se ao fato de eles buscarem permanecer fiéis ao espírito do Concílio Vaticano II. (...) Oferecia Deus essa prova da paciência, já que a culpa do mal que acontece ao país foi imputada em grande parte a mim" (11/08/79).

Filho da Igreja

Há um momento em que dom Romero percebe que o próprio Papa tem reservas em relação à sua ação

pastoral. Depois de uma audiência com João Paulo II, comenta: "(...) Acho que foi um colóquio muito útil, porque muito franco. Bem sei que não se deve sempre esperar uma aprovação plena, pois é mais útil receber advertências que podem melhorar nosso trabalho" (07/05/79). Naquele mesmo período escreve: "Entreguei tudo nas mãos de Deus, dizendo-lhe que procurei fazer toda a minha parte e que, apesar de tudo, amo a Santa Igreja e, com a sua ajuda, serei sempre fiel à Santa Sé, ao magistério do Papa. Toda via comprehendo a parte humana, limitada, defeituosa da Igreja - que é o instrumento de salvação da humanidade - à qual quero servir sem nenhuma reserva" (04/05/79)..

Um mês antes de morrer encontrou de novo João Paulo II: "Senti que o Papa está de acordo com tudo o que eu digo. No final, ele me abraçou muito fraternalmente e disse-me que rezava todos os dias por El Salvador. Nesse momento tive a sensação que o próprio Deus confirmava e dava forças ao meu pobre ministério" (30/01/80)..

Diálogo com todos

Dom Romero não fechou nenhuma possibilidade de diálogo com as partes em conflito. Depois de uma reunião com seus assessores, afirma: "Entendi que tanto a junta de governo como as organizações populares que lutam contra ela têm aspectos positivos e negativos. A posição da Igreja é evidenciar e apoiar o positivo. (...) A Igreja, por amor da pátria e pelo bem da justiça, deve também denunciar todos os obstáculos

a esse processo revolucionário que parece já iniciado" (29/10/79). "Hoje de manhã recebi o secretário-geral do partido UDN, marxista. Ele elogiou o trabalho da Igreja. Disse que esse trabalho é muito diferente do que era em outras épocas, quando seu marxismo chamava a Igreja de "ópio do povo". Agora, pelo contrário, é o melhor "despertador" do povo, pois grande parte do que está acontecendo em favor da transformação do país é obra da Igreja" (29/11/79). "Jantamos com o coronel Majano e com o doutor Morales Erlich, membros do governo. Falamos sobretudo da reforma agrária. Eles têm grande esperança. Mas aproveitei também para apontar os perigos e as dúvidas que inspiram minhas críticas (...): antes de mais nada, a conjunção da reforma agrária com essa onda evidente de repressão violenta por parte dos órgãos de segurança. Também perguntei o motivo pelo qual eles não garantem um apoio popular mais decidido, favorecendo o diálogo com as forças populares, com o intento de descobrir os ver-

O povo salvadorenho e muitas vozes do mundo católico pediram que a Igreja declare santo o arcebispo mártir dom Oscar Romero. Mas o povo não espera e já o venera como santo.

dadeiros interesses do povo e de acolher as reivindicações em favor da justiça. Não é o caso, certamente, da extrema direita, que não trabalha em favor dessas reivindicações mas para manter seus privilégios" (14/03/80).

Ele nunca permitiu que se confundisse sua ação com a dos grupos políticos. São muitos os pontos do seu diário em que afirma claramente essa distinção: "À noite, os representantes do FAPU, uma organização popular, vieram para me expressar o desejo de ajudar a Igreja. Eu os adverti com clareza: "Sem o perigo de querer manipulá-la". Eles concordaram (...) Insisti muito nessa autonomia da Igreja e no fato de que ela, a partir de sua perspectiva evangélica, apoia todas as iniciativas que têm como finalidade a justiça, o bem-estar, a paz dos homens" (12/06/78).

O Sangue

Dom Romero inspirava-se somente no Evangelho. Nele encontrava a força e a luz de sua luta e de suas propostas. A um grupo de jornalistas que o interrogavam sobre uma solução pacífica para a violência no país, respondeu com simplicidade evangélica: "Eu digo sempre que a melhor solução pacífica é um retorno ao amor e um verdadeiro desejo de busca de um diálogo. Isso deve basear-se em um clima de confiança - que tem de ser demonstrado com os fatos - para que o povo possa expressar as próprias opiniões em total liberdade e todos sejam admitidos ao diálogo".

O arcebispo foi morto enquanto celebrava a Missa. Indefeso, porque sempre recusara as ofertas de proteção do governo. "Quero correr os mesmos perigos que o meu povo corre", costumava repetir. Poucos minutos antes do crime, disse na homilia:

"Nesse cálice o vinho se torna sangue, que foi o preço da salvação. Possa este sacrifício de Cristo nos dar a coragem de oferecer nosso corpo e nosso sangue pela justiça e pela paz do povo".

Extraído de "Cidade Nova" - 03/97



A Justiça sempre tarda mas às vezes não falha. Depois de cinco anos da chacina da Candelária (quem ainda se lembra dos oito meninos de rua assassinados no centro do Rio de Janeiro por policiais numa incursão noturna de extermínio?), o terceiro e último réu acaba de ser condenado a 203 anos de prisão, sem direito a novos recursos ou apelações. A outra chacina carioca foi pior, em Vigário Geral: 21 pessoas assassinadas por um grupo de mais de 50 policiais militares, como vingança pela morte de quatro policiais. Até agora, somente dois assassinos foram condenados. Faltam ir a julgamento os outros cinqüenta. Pelos mais de 200 depoimentos já feitos, não menos de uns vinte deverão ser condenados. Mas o processo, que já tem mais de cem volumes, com mais de 10 mil folhas, ainda vai se arrastar por alguns anos.

Mas os castigos nem sempre duram... O homem que gerenciava os golpes do Orçamento da União, e organizava as ações dos tristemente famosos "anões do Orçamento", acabou condenado pelo assassinato da própria esposa, que sabia demais. O escândalo deflagrou o movimento que expulsou o presidente do Palácio do Planalto. Passados esses poucos anos de prisão especial, aquele senhor, com golpes e morte nas costas, já tem direito de liberdade vigiada, podendo trabalhar e passear durante o dia, embora ainda tendo que voltar à noite, para dormir no quartel.

Leia e dê de presente aos seus melhores amigos, parentes, filhos, afilhados, alunos, professores e colegas uma assinatura de

fato
e razão

Sugestão de sociodrama para provocar um debate sobre drogas em escolas, igrejas, movimentos: um diálogo encenado entre quatro jovens personagens.

A guerra das drogas

Carlos - Vocês leram o que está acontecendo na favela da Pedreira? Aqui pertinho da gente?

Fernando - Não li mas todo mundo já sabe. Os traficantes avisaram pra polícia que quem manda ali são eles.

Carlos - Você viu que eles têm armas mais poderosas que as da polícia? Nem o Exército tem armas tão modernas!

Pedro - É a guerra, bicho! Agora é pagar pra ver quem manda na cidade. Como é que deixam os bandidos dar entrevista pros jornais botando essa banca toda?

Joana - E como é que eles conseguem essas armas? Devem custar uma nota! Por onde elas entram? Não tem polícia pra prender quem importa essas armas?

Carlos - É um esquema bem montado. Devem soltar uma grana alta pra fechar os olhos da polícia...

Fernando - O pior é que eles dizem que são os protetores da comunidade. Eles é que pagam enterros, táxis pra levar doentes em hospitais, quebram o galho de quem está duro, dão emprego de olheiros e entregadores de drogas pra rapaziada desempregada... Viram heróis!...

Joana - Isso acontece porque o governo não dá essas coisas pra quem precisa. Por isso é que eles conseguem se esconder nas favelas e ninguém denuncia.

Pedro - Mas não é bem assim. O povo da favela sabe que se dedurar morre.

Carlos - Eu assisti ontem na TV uma entrevista. O cara dizia uma coisa certa: só tem traficante porque tem comprador de drogas. Se não tivesse quem compra não teria quem vende...

Joana - É fuga...

Fernando - Fuga de quê?

Joana - Fuga da realidade, o garoto que leva uma vida vazia, sem sentido, acaba experimentando saídas... e quando menos espera está dependente.

Carlos - Mas muitos começam por curiosidade, provocados por amigos...

Joana - ... amigos?!

Carlos - É... ter amigos assim... é melhor ter inimigos! Pelo menos a gente sabe que não pode confiar neles.

@ *Como encaramos o problema das drogas na nossa cidade?*

@ *Quais os motivos que levam a experimentar a droga?*

@ *O que a família e a escola têm a ver com esse problema?*

@ *E as autoridades, polícia, meios de comunicação?*

@ *O que pode garantir que não vamos cair nessa?*

@ *O que podemos fazer para ajudar quem caiu na armadilha?*

Fernando - Eu fui visitar o Juca que ficou dependente e está há seis meses na Fazenda Esperança pra tentar se livrar da droga. Mas dá pena. Tomara que dê certo. Muitos conseguem se livrar. Ele está largado. Costuma acontecer. Os amigos não o visitam, a família não está dando muito apoio... não sei se ele sai dessa.

Carlos - Eu acho que nenhum de nós está livre disso. A coisa é traiçoeira.

Joana - Então... fazer o quê?

Livros que não podem faltar na preparação ao casamento

○ Assunto é Casamento

Manual para agentes de pastoral e coordenadores de cursos e encontros para noivos. (8ª Edição).

Amor e Casamento

Livro ilustrado, didático e atraente para os que vão se casar. (18ª Edição).

Edições MFC – Movimento Familiar Cristão.

Pedidos à Livraria MFC - Tel. (031) 273-8842

Rua Espírito Santo, 1059 / 1109 – 30160-922 Belo Horizonte – MG

São muitas as formas de opressão e escravidão que resistem à luta pela libertação.

Abolida a escravidão, libertemos a cultura

Marcelo Barros
Monge beneditino

Cada ano, o dia 13 de maio me lembra uma experiência que vivi, nos meus tempos de jovem. Começava a assessorar a Pastoral da Terra e fui convidado para jantar com uma amiga francesa e sua mãe, uma senhora finíssima, mas simples e discreta. A refeição consistiu em verduras, um pão delicioso e alguns queijos, dos quais o cheiro e o gosto não me atraíram tanto. O importante foi que, na mesa, em meio à conversa, a velha senhora me perguntou:

- Amanhã é o dia 13 de maio. O que você acha da Princesa Isabel e do seu gesto de assinar a lei que aboliu a escravidão no Brasil?

Sem hesitar, respondi que a princesa havia feito aquilo para resolver uma crise política do governo e não porque pensasse nos negros e quisesse libertá-los. Ela me respondeu:

- A princesa Isabel era minha tia.

Só me refiz do susto e da vergonha de ter cometido uma indelicadeza, quando ela completou:

- Estou de acordo com você. Afirmei isso a Balduíno e Fabíola, meus sobrinhos. (Eram, então os reis da Bélgica).. A libertação dos pequenos nunca vem do rei ou da rainha. Estes podem, apenas, ser aliados. Mas, só o pobre pode libertar o pobre.

Muitos anos se passaram e ainda escuto a voz daquela senhora francesa, mais lúcida e aberta a uma visão crítica da vida do que muitos livros de História das nossas escolas. O fato é que, cada ano, o "treze de maio" serve somente para constatar que a libertação do povo escravizado é um processo ainda incompleto.

Quem estuda História sabe que, alguns anos antes da "Lei Áurea", várias províncias do Brasil Imperial já haviam decretado a abolição da escravatura e que, de fato, nenhuma dessas leis imperiais serviram para uma verdadeira libertação do povo negro. Todas resolveram problemas dos senhores de engenho e da sociedade escravocrata.

Até hoje, nas rodas de capoeira de Angola, os negros cantam:

"A história nos engana, escrita pelo contrário, até diz que a abolição aconteceu no mês de maio.

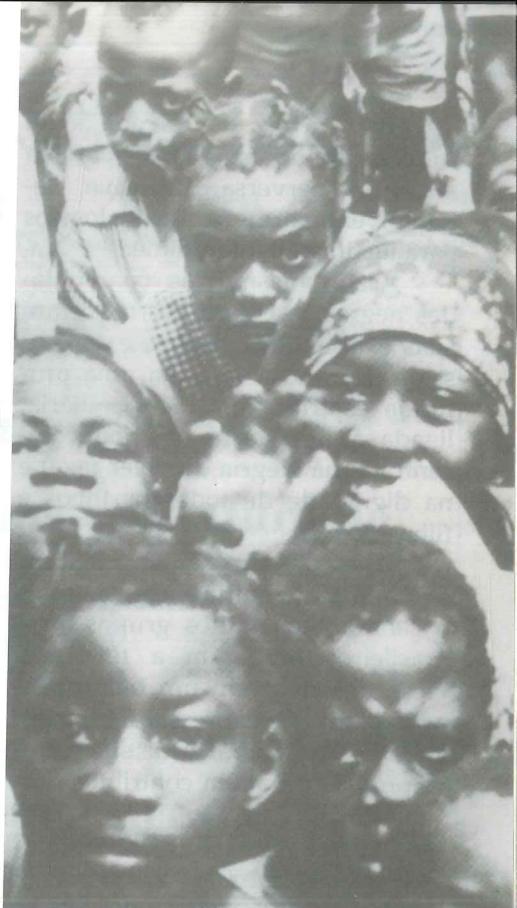
Prá provar essa mentira, é que da miséria eu não saio".

Hoje, no campo e na cidade, a escravidão continua. Não é preciso saber a cor da pele das crianças que, aos milhares, são escravizadas nas carvoarias de Minas Gerais e do Mato Grosso, para se constatar que neste Brasil do "imperador Fernando II", nem a Lei do Ventre Livre entrou realmente em vigor.

Desde os tempos do velho império, os nobres da corte que faziam as leis sabiam que um povo sem terra jamais seria verdadeiramente livre. Hoje, o Movimento dos Sem-Terra continua sua caminhada com o apoio da imensa maioria dos brasileiros. Entretanto, quase cada semana, chora o assassinato de companheiros ou companheiras que dão a vida para que, um dia, o Brasil realmente ponha em prática a Lei Áurea, resgatando a terra para este povo que, sem terra, continuará sempre escravizado.

Na verdade, as comunidades indígenas e remanescentes de quilombos lutam não só por um pedaço de terra, mas também pela defesa dos seus modos de vida e organização social próprios que se expressam no seu jeito de viver, de praticar a religião e de se relacionar com a natureza.

As Igrejas cristãs têm uma pesada dívida para com as culturas e religiões afro-brasileiras. Com exceção de algumas vozes proféticas, a Igreja, em seu conjunto, foi coniven-



Ainda hoje, devemos pedir perdão ao povo afro-brasileiro: a Igreja chegou a desenvolver argumentos teológicos para justificar a iniqüidade da escravidão, da qual ela própria se beneficiava.

te com o crime da escravidão e, enquanto pôde, beneficiou-se dessa estrutura perversa, inclusive desenvolvendo argumentos teológicos para justificar a iniquidade.

Assim mesmo, as comunidades negras resistiram, fortaleceram suas expressões culturais e religiosas e hoje, nos oferecem uma profunda espiritualidade comunitária, ligada à mãe terra e à natureza, centrada na alegria de viver (axé) e na dignidade de todos os filhos e filhas de Deus.

Além das expressões religiosas autônomas da cultura negra como é o candomblé, muitos grupos afro-brasileiros herdaram a fé cristã. Hoje, desenvolvem um modo próprio de viver e expressar a espiritualidade cristã, a partir da sua cultura própria e podem contribuir pro-

@ Como essa realidade de opressão é percebida na nossa região?

@ Os descendentes dos escravos trazidos da África ainda sofrem discriminações em nossos dias? Se é verdade, como essa discriminação se manifesta? Qual a condição social e econômica, em geral, desses descendentes distantes dos escravos?

@ Como podemos contribuir para mudar essas situações desumanizantes?



"Perguntaram a um operário no tribunal que fórmula escolhia para o seu juramento: a leiga ou a religiosa. "Não tenho trabalho", respondeu. Com a sua resposta aquele homem quis dar a entender que se achava numa situação em que este tipo de perguntas e talvez o próprio processo não tinham sentido".

Bertold Brecht

fundamente com a consolidação de um modo brasileiro de ser cristão.

Neste momento em que o papa e alguns líderes cristãos propõem um jubileu para o ano 2.000, é necessário que as Igrejas saldem suas dívidas para com essas culturas e religiões, convertendo-se da arrogância com que, no passado, as discriminaram e engajando-se em valorizá-las, como elas merecem.

Assim, poderá ser mais profundamente verdadeiro o canto das comunidades que entoam:

"Irá chegar um novo dia, um novo céu, uma nova terra, um novo mar. E neste dia, os oprimidos numa só voz, a liberdade irão cantar".

Marcelo Barros é monge beneditino em Goiás e escritor.

PROMOÇÃO PAPAI NOEL: NÃO PERCA



O melhor presente de Natal custa apenas 10 reais!

Dê de presente uma assinatura de

fato
e razão

e seus amigos vão lembrar de você a cada 3 meses.

**Promoção: se você presentear
5 assinaturas, a sexta é gratuita!**

ASSINATURA PRATA – 4 NÚMEROS / ANO

E para completar a sua coleção ou dar de presente números avulsos, ao preço de um cartão de Natal, peça os que desejar e receba pelo correio: R\$ 2,50 cada exemplar.

(Números disponíveis da Coleção Fato e Razão: 16 a 35)

Faça o seu pedido por telefone ou carta à

Livraria do MFC

Rua Espírito Santo, 1059 - sala 1109

CEP 30160-922 Belo Horizonte - MG - Tel. (031) 273-8842

Cheque nominal ao Movimento Familiar Cristão ou reembolso postal.